

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CINTIA MIRANDA DA SILVA

**TUDO AO MESMO TEMPO AGORA: O JORNALISTA MULTITAREFA
NO CENÁRIO ATUAL**

VOLTA REDONDA

2017

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**TUDO AO MESMO TEMPO AGORA: O JORNALISTA MULTITAREFA
NO CENÁRIO ATUAL**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do UniFOA como requisito à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aluna: Cintia Miranda da Silva Costa

Orientador: Prof. Dr. Rogério de Souza

VOLTA REDONDA

2017



Fundação Oswaldo Aranha



FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Tudo ao mesmo tempo agora: o jornalista multitarefa no cenário atual

elaborado por Cintia Miranda da Silva

_____, apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovada em 31 de outubro de 2017.

Banca Avaliadora:

Rogério Martins de Souza

Professor Orientador

Professor Doutor Rogério Martins de Souza

Heitor da Luz Silva

Professor Avaliador

Professor Doutor Heitor da Luz Silva

Eduardo M Oliveira

Professor Avaliador

Professor Mestre Eduardo Jorge Nascimento de Oliveira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que torcem pelo meu sucesso. Em especial aos meus pais que sempre acreditaram em mim e são a minha maior fonte de motivação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento, a Deus que sempre guiou os meus caminhos, ao meu esposo por todo apoio e ao Prof. Dr. Rogério de Souza pela brilhante orientação neste trabalho.

“A persistência é o caminho do êxito”

Charles Chaplin

RESUMO

Levando em conta as diversas ferramentas e tecnologias usadas pelos veículos de comunicação para a produção de conteúdo atualmente, o presente trabalho busca compreender qual é o perfil do jornalista multitarefa (aquele que atua em várias funções, analógicas ou digitais) nos dias de hoje e de que forma esse acúmulo de atividades influencia no exercício da profissão. Para entender o cotidiano desses comunicadores, foi realizada primeiramente uma pesquisa bibliográfica da história da imprensa até a chegada da internet, além de uma análise sobre como a chegada das mídias digitais alterou o trabalho jornalístico. Para a pesquisa, foram entrevistados dez jornalistas formados ou em formação que atuam na região do Vale do Paraíba em veículos impressos, de TV, rádio e também online. Posteriormente, foi realizada uma análise das narrativas e apresentados os resultados, que mostram a realidade das redações e as expectativas da profissão no olhar jornalístico.

Palavras-chaves: Imprensa; Jornalismo; Jornalista Multitarefas; Internet; Crise

ABSTRACT

As regards the various tools and technologies used by means of communication for the content production currently this assignment seeks to understand what the journalist multitasking profile is (the one who acts in many functions, analog or digital) nowadays and how this accumulation of activities influences the profession. In order to understand the daily life of these communicators, a bibliographic research was made first of all, about the press's history until the internet's arrival, and so graduated and under graduation journalists that act in Sul Fluminense region on Rio de Janeiro of TV, radio and online. Subsequently, a narrative's analysis was made and presented, that show the reality of the paper's news room and the expectation of the occupation through a journalistic eye.

Key-words: Press, Journalism; multitasking journalist, Internet; Crisis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 AS MUDANÇAS NO JORNALISMO E NO PROFISSIONAL DA IMPRENSA	15
2.1 As transformações do jornalismo – de Gutenberg à comunicação de massa	15
2.2 A passagem do jornalismo político no Brasil para jornal empresa	17
2.3 Jornalismo industrial do século XX	20
2.4 As transformações tecnológicas que afetaram o profissional da imprensa	23
3 MUDANÇAS NO FAZER JORNALÍSTICO COM A CHEGADA DA INTERNET	26
3.1 A chegada da informática – anos 1970 e 1980	26
3.2 Anos 1990: a internet chega às redações, o jornalismo se transforma	28
3.3 As teorias clássicas e o novo papel do jornalista na era digital	33
4. ESTUDO DE CASO: O JORNALISTA MULTITAREFA NA ATUALIDADE	36
4.1 A metodologia utilizada	36
4.2 Sobre os entrevistados	37
4.3 O trabalho dos profissionais entrevistados	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
6 REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A imprensa no Brasil surge no começo do século XIX, no ano de 1808, sob tintas marcadamente políticas, refletindo as grandes turbulências sociais, políticas e econômicas da época. Neste século a então colônia portuguesa conquista a independência e décadas depois derrubará a monarquia e implantará o regime republicano, em 1889. Era uma imprensa de caráter eminentemente artesanal e motivada por embates ideológicos.

Segundo Traquina (2005), no século XIX estavam de fato as raízes do jornalismo que conhecemos hoje. Este século foi fundamental para o início da comunicação jornalística por ter sido quando se verificou o desenvolvimento da comunicação de massa através da imprensa, impulsionado pelo avanço tecnológico que trouxe pela primeira vez as modernas rotativas, as quais propiciaram grandes tiragens aos jornais.

Esta expansão dos impressos proporcionou novos empregos, começou a formar novos profissionais. Ainda segundo o autor, neste momento, “um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganharia um novo objetivo – fornecer informação e não propaganda” (TRAQUINA, 2005. p. 34).

A publicidade, que também evoluiu na segunda metade do século XIX, também terá papel importante no conteúdo dos jornais e no direcionamento por notícias mais objetivas e menos “literárias”. Segundo Alzira Abreu (2002, p.10), à medida que avançava o desenvolvimento industrial e aumentava o peso da publicidade, a imprensa foi se tornando menos dependente do poder público. Os anúncios publicitários foram ganhando espaço nos veículos e os veículos evoluíram como empresas, ao passo que conseguiam mais patrocínio e aumentavam as suas receitas. Com mais investimento e profissionalização aumentam as exigências em torno dos profissionais da área.

Mais tarde, em meados do século XX, auge do jornalismo industrial no mundo, a imprensa brasileira contaria com novas máquinas ainda mais modernas e com maiores tiragens (a fotografia em jornais, antes dificultada pelo preço bastante

elevado, torna-se habitual), imposição de manuais de estilo e também forte influência do jornalismo norte-americano.

As mudanças tecnológicas influenciaram não somente os processos de produção da notícia dentro das redações, mas também a forma como o público começou a consumir esse conteúdo. Se em meados do século XX o jornalismo industrial já conseguira milhões de consumidores que buscavam em jornais, rádios e emissoras televisivas o conteúdo necessário para se informar, com a chegada das mídias digitais e a popularização da internet o quadro muda. Jenkins diz que “Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente” (2009, p.45). Isso mostra que o público também passou por mudanças com o tempo.

Essa mudança do público provoca nas empresas de comunicação a necessidade de se atualizar para conquistar novos consumidores e o indivíduo responsável por fazer essa ligação é o jornalista, que precisa se adaptar e dominar as ferramentas que agora são indispensáveis. Para não aumentar os gastos, esses veículos fazem com que um profissional de hoje desempenhe diversas outras funções que antes não lhe cabiam. Surge então a figura do profissional multitarefa – aquele que é designado para uma série de atividades que não raro vão muito além do que se entende pelo ofício de jornalista.

Do ponto de vista comercial, explora-se cada vez mais o jornalista multitarefa, pelo fato de o mesmo ser supostamente capaz de atender às demandas cada vez maiores dos veículos de comunicação. Dentre elas, pássaro máximo de informação para o maior público possível - para isso, é preciso fazer uso de ferramentas das diversas plataformas disponíveis. As consequências desta alta carga de trabalho já se mostram em alguns estudos.

Sobre o acúmulo de funções para o jornalista, Heloani (2003) discorre sobre algumas tendências nada promissoras para os jornalistas. Segundo pesquisa da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e também o sindicato dos jornalistas, os profissionais da área de comunicação estão mais suscetíveis a doenças de diagnósticos precoce e muitos deles, inclusive, nem alcançam a aposentadoria. Além disso, a inserção de novas tecnologias nas redações tem feito com que muitos

jornalistas desenvolvam “Distúrbios Osteomoleculares Relacionados ao Trabalho” (DORT).

Desta forma, a hipótese deste trabalho é de que o acúmulo de tarefas e a necessidade de produzir conteúdo para diferentes mídias, por meio de diferentes aparelhos, quase que de forma simultânea, compromete o desenvolvimento dos profissionais de comunicação no exercício da sua função. Além disso, tal sobrecarga por atividades - as quais muitas o jornalista não tem o devido preparo ou treinamento - pode prejudicar também a saúde do profissional.

Para compreender melhor esse perfil multitarefas, o presente trabalho será realizado a partir de uma pesquisa aplicada, para alcançar a discussão de um problema específico. Ela será qualitativa e exploratória, com coleta de dados por meio de entrevistas com profissionais que tiveram experiência prática com o tema abordado, que é a multitarefa no jornalismo atualmente. O objetivo geral será analisar como está sendo reconfigurado o perfil jornalístico com a entrada em cena das mídias digitais e a emergência do jornalismo multitarefa, serão realizadas entrevistas com profissionais da área que atuam na região Sul Fluminense do Rio de Janeiro. Buscando assim entender de que forma as mudanças nas atividades jornalísticas, provenientes da convergência das mídias, interferem no cotidiano destes profissionais.

Os profissionais escolhidos obedeceram aos seguintes critérios escolhidos para esta pesquisa. São formados em jornalismo ou atuam na área há pelo menos dois anos, por isso já tem um conhecimento a respeito das atividades e rotina da profissão. E são profissionais que atuam na região Sul Fluminense do Rio de Janeiro, em qualquer veículo de mídia. Foram escolhidos jornalistas dessa região para segmentar mais o objeto de pesquisa.

O primeiro capítulo traz uma pesquisa bibliográfica sobre a história do jornalismo e, suas diversas transformações, dando destaque para as características da profissão até a chegada da internet e sua posterior transformação. Veremos como a função de homem ou mulheres que escrevem para a imprensa se transformou em uma profissão de fato, e quais as mudanças, do século XIX aos dias de hoje, no perfil deste profissional foram responsáveis pelo quadro atual do perfil jornalístico.

No segundo capítulo abordamos as mudanças propiciadas pela chegada da internet no meio comunicacional e em especial no mercado de trabalho jornalístico, que enfrenta hoje uma grande reestruturação em seus quadros e nas estratégias mercadológicas para atrair ou ir ao encontro de um novo público já familiarizado e habituado em conseguir informações online. Busca-se aqui analisar como as mudanças das últimas décadas foram responsáveis pelo quadro atual do perfil jornalístico.

No terceiro capítulo foram aplicados questionários a dez profissionais da região sendo dois de cada mídia (rádio, TV, jornal e internet), que atuam no Sul Fluminense. O objetivo foi interpretar, através das narrativas de cada entrevistado, como se encontra o cenário atual da profissão e o que pensam estes indivíduos com relação ao acúmulo de funções na imprensa atual, que originou o termo “jornalista multitarefa”, a fim de que seja possível responder sobre a atualidade do tema estudado.

Pesquisar sobre o tema é fundamental dentro do campo comunicacional, pois é necessário compreender o novo perfil do jornalista com as tecnologias emergentes. O avanço tecnológico é uma realidade progressiva e o jornalista precisa adaptar-se a essas alterações que implicam em mais atividades para a área de comunicação. A internet proporcionou a integração das mídias e agora a informação precisa ser difundida de todas as formas possíveis para alcançar diversos públicos.

O processo de crescimento e convergência das mídias é um fenômeno e faz parte da realidade do profissional de comunicação que precisa se adaptar e buscar formas de atualização, mas é necessário que haja um equilíbrio entre a necessidade do mercado e as condições e possibilidades do jornalista no exercício de suas funções, priorizando o bem-estar do profissional.

2 AS MUDANÇAS NO JORNALISMO E NO PROFISSIONAL DA IMPRENSA

Nesse capítulo será analisado o perfil do profissional de imprensa, do século XIX aos dias de hoje, cujos aspectos foram construídos e aperfeiçoados na medida em que a prática jornalística foi considerada uma profissão e se estruturou no mercado.

Hoje em dia, o jornalismo se apresenta bastante diferente ao daquele praticado no século XIX, de caráter eminentemente político. Mais editoriais surgiram e com o avanço da tecnologia o público leitor aumentou, tornou-se mais exigente e as mídias em geral segmentaram-se. O crescimento dos veículos adquiriu ao longo do século XX um formato industrial de produção, com mais recursos para as redações e regras fixas para os conteúdos, tornando o processo mais padronizado e de acordo com as necessidades e exigências do mercado. Todas essas mudanças influenciaram de alguma forma o trabalho dos profissionais da imprensa, que precisaram se adaptar a tais mudanças.

2.1 As transformações do jornalismo – de Gutenberg à comunicação de massa

O jornalismo passou por diversas transformações desde o século XVI, quando circulavam pela Europa as primeiras “folhas” ou gazetas”, ancestrais da imprensa periódica. Desde então o jornal passou por grandes transformações. Primeiramente com um viés político e opinativo, depois mais vinculado à publicidade e posteriormente com a evolução industrial - caracterizando-se como uma empresa de mídia e voltando o seu interesse para o mercado no século XX. Não há um consenso absoluto quanto à delimitação das fases da imprensa.

Foi na metade do século XV que Johannes Gutenberg inventa a máquina de tipos móveis, que permitiu que textos anteriormente escritos apenas à mão, a partir de agora pudessem ser impressos. Tal invenção do alemão possibilitou que livros e outros documentos pudessem ser impressos em massa e circulassem por toda a Europa. Foi apenas no século XVII que essas produções passaram a ter uma periodicidade definida e os jornais começaram a se organizar.

A primeira fase do jornalismo discutida por estudiosos é a do jornalismo mercantil. A partir do final do século XVI a Europa intensifica seu interesse pela Expansão Marítima, à procura de novas rotas comerciais, uma vez que os países do continente se encontravam em uma situação econômica ruim. Para tal expansão era necessário algum tipo de ferramenta para comunicar-se e difundir as informações sobre as novas mercadorias aos burgueses e ao mercado. Dessa forma surgiam os primeiros jornais, ainda como uma produção bem rudimentar e de circulação instável.

Estas rotas comerciais da Europa foram as pioneiras na produção dos jornais que, obviamente, ainda eram feitos de forma totalmente artesanal. Em uma época com precariedade de meios para propagar as informações (havia poucos meios de transportes, formas de interação), esses serviços auxiliavam na tarefa de difundir as notícias que precisavam ser passadas a outros países. Não raro apenas uma pessoa recolhia todo o conteúdo, escrevia os textos e imprimia (THOMPSON, 1995).

O contexto do século XVII caracteriza-se por uma sociedade mais politizada, que fomentava e valorizava os debates que ocorriam no âmbito político do cenário nacional. A partir daí o jornalismo sofre uma de suas principais mudanças, que foi a adoção de um caráter mais opinativo e político, baseado no interesse dos donos dos jornais. Aos poucos, o jornalismo mercantil perdia a força. O peso da política, de fato, exercia grande influência sobre os meios de comunicação.

As linhas editoriais de muitos jornais são alteradas e começam a dar espaço a discussões ideológicas que estão presentes na sociedade. Segundo Leandro Marshall,

As empresas jornalísticas submetem o objetivo comercial ao objetivo político. A sociedade ferve, as disputas ideológicas ocupam a arena social e a imprensa acaba espelhando essa conjuntura social. Os jornais tornam-se palco de batalhas ideológicas, polêmicas, conflitos políticos, lutas e mobilizações sociais, instrumento de ataque e defesa de ideias (MARSHALL, 2003, p. 79).

Neste cenário o jornalismo começa a abordar e defender questões de caráter social como direitos humanos e desigualdade social, dando espaço e fomentando esses debates mais polêmicos. Fazendo um contraponto a esse novo perfil de escrita, permaneciam os espaços destinados às poesias e textos literários, como o folhetim, que fidelizavam o leitor. Esse último tipo de literatura sugeria uma leitura

diária, contínua, e isso fazia com que as pessoas sempre que possível consumissem os materiais produzidos.

Marcondes (2000) explica que “nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos de formação política”. Foi também nesse período que a imprensa era mais partidária, com os jornalistas fazendo dos jornais o seu espaço de disseminação de ideias. Dessa forma o jornal passou a ser um veículo com profissionais organizados e com áreas mais específicas de atuação. O trabalho passou a ser mais profissionalizado, com cada um assumindo o seu setor.

Uma das principais estratégias usadas pelos donos dos jornais para expandir os veículos e poder adquirir mais independência financeira foi vender espaços para a publicidade. Já no século XIX esses comerciantes viram que quanto mais exemplares eram produzidos e vendidos, mais barato tornava-se o exemplar e mais leitores poderiam ser alcançados. E quanto maior o público, mais interesse publicitário em patrocinar os espaços disponíveis nos veículos.

Este exemplo de utilização da publicidade espalhou-se por outros países que passaram a se aperfeiçoar a fim de atingir um público diferente. O leitor de jornal deixa de ser considerado apenas um “animal político” para se tornar um consumidor de conteúdo. Todas essas mudanças culminaram na passagem do jornalismo tal como era até o momento, que não visava tanto o seu leitor, para um jornal empresa visando os lucros e a parte mais comercial da comunicação.

2.2 A passagem do jornalismo político no Brasil para jornal empresa

O jornalismo desenvolvido no Rio de Janeiro, no início do século XIX, tinha um caráter opinativo e polêmico. Quase sempre as publicações eram ligadas a temas políticos de forma explícita, pois antes mesmo de transmitir a informação o mais importante era se posicionar sobre o tema. Até porque os jornais sustentavam uma dependência de certos grupos da sociedade, cujo maior interesse não era a informação isenta, mas sim atacar adversários políticos – um reflexo da turbulência social pelo qual o Brasil passava nas primeiras décadas do século, quando passa de colônia portuguesa a país livre. Dessa forma, a linguagem utilizada pelos veículos de

comunicação era por vezes agressiva e áspera. Havia um número considerável de tiragens, mas o processo ainda era realizado de forma bastante artesanal (RIBEIRO, 2007).

Ribeiro (2007) explica que paulatinamente, a imprensa brasileira foi passando por transformações tanto em seu conteúdo como em seu caráter profissional. Jornais começaram a adotar um estilo mais informativo, desvincilhando-se do padrão opinativo que sempre usara. O objetivo era conseguir mais lucro e independência, abordando outros assuntos de interesse do público e desta forma atrair as empresas para anunciarem em seus veículos. Quanto mais os jornais diversificavam o conteúdo e atingiam um público maior, mais interesse havia por parte das empresas em divulgarem os seus produtos nesses periódicos. Por meio dessas mudanças, os veículos começaram a tentar adotar a imparcialidade como um princípio editorial, focando mais na transmissão do conteúdo de forma clara e objetiva. Essas alterações ocorreram de forma lenta ao longo das últimas décadas do século XIX e seguiram progressivamente pelas primeiras décadas do século XX.

A principal dificuldade que esses jornais tinham para adotar ideais editoriais que os tornassem mais imparciais e objetivos na comunicação com o público é que no âmbito financeiro ainda havia uma grande dependência do governo. Os veículos não tinham meios de levantar uma receita que possibilitasse arcar com os custos para manter o seu funcionamento. Além dos gastos com os funcionários e todo o processo de produção, era necessário investir na modernização do negócio, que ocorria na medida em que novas máquinas e ferramentas emergiam no mercado. Por isso, o cenário na imprensa só mudou conforme se obteve maior independência financeira.

Ribeiro (2007) também ressalta que essa mudança que muitos jornais tiveram ao tentar adotar uma postura empresarial ainda era visto, nas primeiras décadas do século XX, como uma “aventura industrial” uma vez que muitos dos periódicos ainda eram utilizados como instrumentos políticos e não conseguiam manter-se apenas com os anúncios publicitários. “Os jornais tinham se transformado em empresas capitalistas, mas ainda serviam a poderes tradicionais. Tinham adotado uma estrutura industrial, mas continuavam atrelados a interesses da sociedade política [...]” (RIBEIRO, 2007, p.27).

O processo de mudança da imprensa como um todo aconteceu gradativamente. A intenção dos jornais de mudar as editorias, de se equipar, industrializar e ter na publicidade a principal forma de ganho não foi suficiente para que eles sobrevivessem logo de início no mercado com esses novos métodos. Ao decorrer das décadas do século XX esses veículos puderam estruturar suas novas ideias e então esboçar a concretização do projeto de ter um perfil mais informativo, imparcial e objetivo, conseguindo desvincular-se gradativamente da política.

Dos anos 1930 a 1940 os periódicos de uma forma geral passaram a perder o perfil político-ideológico. A mudança foi uma necessidade, pois aos poucos o público passou a valorizar os veículos noticiosos e menos opinativos. Além disso, a parceria com a publicidade passou a ter êxito e a estruturar-se como uma estratégia de marketing rentável à mídia e às empresas. Técnicas como o *lead* (método de transmitir a informação respondendo às perguntas *quem? fez o quê? quando? onde? como? e por quê?* no primeiro parágrafo do texto) foram adotadas por todos os veículos. Tais reformas padronizaram o estilo jornalístico das empresas de comunicação, fazendo com que elas caminhassem pelo mesmo caminho editorial em busca da notícia e imparcialidade.

A década de 1950 foi de suma importância para que tantas mudanças acontecessem e de forma tão fundamentada. Obviamente, todas as pequenas transformações na estrutura desses veículos jornalísticos no início do século XX culminaram em uma estruturação desse perfil noticioso, mas os avanços tecnológicos incentivados nos anos 50 otimizaram os resultados. Essa década também marcou o processo de profissionalização da imprensa, que conseguiu proporcionar aos seus empregados salários mais altos, fazendo com que a profissão jornalista deixasse de ser vista como um “bico” e passasse a ser valorizada como uma atividade permanente (RIBEIRO, 2007).

A introdução do marketing, e das pesquisas de mercado a ele associadas, foram estratégias mercadológicas com o objetivo de tentar adequar o meio de comunicação, visto como “produto”, ao público consumidor leitor, ouvinte ou telespectador, visto por sua vez agora como cliente. A análise que as empresas faziam com relação ao seu público foi fundamental para definir melhor o conteúdo que deveria ser produzido e direcionar o seu próprio estilo. As empresas publicitárias

também influenciaram as mudanças na imprensa, induzindo os jornais a tornarem-se mais atraentes e interessantes para o mercado. (ABREU, 2002)

A partir desse momento, após década de 1950, a mídia passou a desenvolver-se e a moldar-se de acordo com o que era mais interessante para o público e lucrativo para a empresa. Com uma produção cada vez maior de exemplares, mais estrutura, investimento e profissionalização de seus empregados, os veículos passaram a analisar de que forma era possível atrair mais leitores e audiência. Os contratantes passaram a ser aqueles que pagavam pelos jornais e não apenas as entidades de poder político, social e religioso que tinham expressão na sociedade.

Essas mudanças na relação do público e na empresa de comunicação fizeram com que os veículos buscassem um aprimoramento a fim de atender às novas exigências de seus consumidores, sobretudo a partir da década de 50.

Se os jornalistas estavam se profissionalizando, as empresas jornalísticas também. Uma série de reformas administrativas foi implementada, refletindo um maior empenho das empresas na defesa de seu patrimônio econômico. Tentou-se substituir a velha improvisação pelo planejamento e pela programação racional. Alguns jornais mudaram totalmente a sua organização interna, passando a contratar, não mais jornalistas, mas profissionais especializados para cuidar da administração. (RIBEIRO, 2003, p153)

Todas as mudanças na imprensa, direta ou indiretamente tiveram por objetivo um maior retorno financeiro e a consolidação dos veículos no mercado. Em especial a partir da década de 1950, o comportamento dos meios de comunicação passou a ser ajustado de acordo com o novo padrão industrial que se consolidava no mercado midiático. Para atender a essas novas demandas comerciais houve várias alterações de texto, identidade e estrutura.

Enfim, os avanços tecnológicos que aconteceram no decorrer do século XX fizeram com que as mudanças dos veículos acontecessem de acordo com os instrumentos e máquinas que surgiram para a produção e veiculação dos mesmos. Outro fator preponderante para que se adotasse um perfil de empresa foi o público, que passou a ser mais exigente, buscando conteúdos mais segmentados e diversificados para consumir.

2.3 Jornalismo industrial do século XX

No final do século XIX, e durante boa parte do século XX os jornalistas ocupavam em massa as redações, pois o trabalho era realizado de forma ainda em grande parte por etapas onde cada profissional era responsável por uma área muito específica. Nestes processos, o uso das máquinas de escrever e outros instrumentos manuais, por exemplo, eram imprescindíveis para a produção de conteúdo dos veículos. Havia a necessidade de muitos profissionais nas empresas para atender às demandas com mão-de-obra até que equipamentos mais modernos surgissem para “esvaziar” as redações.

O profissional de comunicação, que no século XIX não tinha especialização e reconhecimento, e que gradativamente buscou evoluir e atender às demandas das empresas midiáticas e do público, começou a ser substituído por algo que poderia ser mais lucrativo: os novos equipamentos tecnológicos. Sempre com o objetivo de diminuir o tempo e aumentar o retorno financeiro, cada vez mais ferramentas eram desenvolvidas para substituir a mão de obra.

Naquele momento, a produção artesanal dos impressos, graças à incorporação dos avanços técnicos, começou a ser substituída por processos de caráter industrial, marcados pela especialização e divisão do trabalho no interior da oficina gráfica e a consequente diminuição da dependência de habilidades manuais. (MARTINS; LUCA, 2008, p.149)

Segundo Thomas (2003) muitas das grandes inovações da indústria da mídia – tais como a introdução da prensa a vapor de Koenig em 1814 e as prensas rotatórias em 1948 – se destinavam diretamente ao aumento da capacidade reprodutiva para fins comerciais. Todo o avanço tecnológico dos meios de comunicação acarretava na obtenção de mais lucro com o seu conteúdo e isso foi aumentando a partir do momento em que esses veículos, por meio de parcerias publicitárias, conseguiam mais dinheiro para investir na empresa.

Tal ligação entre jornalismo e publicidade, juntamente com a modernização propiciou um barateamento dos periódicos. Cada vez mais os anúncios compunham as revistas e os jornais. De acordo com Martins e Luca, “os anúncios iriam atender e estimular o consumo da classe média emergente e da elite [...]”, classes que segundo elas estavam “dispostas a folhear as páginas dos periódicos, ávidas por novos produtos trazidos pela industrialização e a urbanização”. (MARTINS; LUCA, 2008, p.149).

A década de 1950 foi um divisor de águas em relação a forma com que a indústria se desenvolvia no Brasil. De acordo com Abreu, “foi a partir daí, no segundo governo Vargas (1950-1954), que o processo de industrialização do país se tornou mais visível e, no governo Juscelino Kubitschek (1956-1960), mais acelerado e irreversível” (ABREU, 2002, p.9). Todo o incentivo que houve a partir daí contribuiu para o crescimento e modernização da imprensa brasileira.

Segundo Ribeiro (2002), quanto mais se aumentava a capacidade de reprodução dos jornais, mais público e confiança no mercado o veículo alcançava. Além de aumentar a quantidade de publicações, as empresas de comunicação adotaram estratégias editoriais. Como exemplo, passaram a segmentar o conteúdo a fim de fidelizar os leitores e alcançar as pessoas que não apreciavam apenas a leitura política. Dessa forma o acesso a esses jornais passou a ser mais democrático. Agora, havia uma diversidade maior de conteúdo e cada vez mais pessoas se interessavam em ler e consumir um produto que atendia aos diversos interesses de um público inserido numa sociedade industrializada e de massa.

Ainda de acordo com os estudos de Ribeiro (2002), a tecnologia ligada aos veículos de comunicação e surgida na Europa teve grande influência na modernização da imprensa brasileira, pois os avanços tecnológicos alcançados por eles eram exemplos a ser seguidos. Ela comenta que no Brasil “as empresas mais fortes importavam rotativas Marinoni, com capacidade para rodar 15 mil exemplares por hora [...]” (RIBEIRO, 2002, p.25). Algumas outras empresas que não possuíam tantos recursos se utilizavam de outras ferramentas que produziam menos exemplares, mas ainda assim em quantidade expressiva.

Mais tarde, ao final dos anos 1970, o avanço da tecnologia culminou na adesão de novas máquinas e instrumentos que passaram a substituir algumas ferramentas jornalísticas e conseqüentemente quem as manuseava, como expõe Kischinhevsky:

Etapas do processo industrial foram comprimidas e eventualmente suprimidas, ocasionando cortes de custos com pessoal e equipamentos e, por tabela, ganhos financeiros para os patrões. A máquina de escrever saía de cena, substituída por microcomputadores. E quem resistia às mudanças, invariavelmente, perdia o emprego. (KISCHINHEVSKY, 2009, p61).

Os profissionais de comunicação se viram obrigados a responder a uma nova forma de trabalho agora com equipamentos mais modernos. Como forma de obter mais lucros as empresas jornalísticas passaram a substituir alguns funcionários por máquinas que eram capazes de desempenhar mais funções.

2.4 As transformações tecnológicas que afetaram o profissional da imprensa

O período industrial resultou em mudanças significativas aos jornais que adotaram técnicas mais modernas, visando o conteúdo mais dinâmico e rápido que alcançasse os leitores consumidores e transmitisse a mensagem da propaganda vinculada ao jornal. Um dos setores que exemplifica tais mudanças é o de textos dos jornalistas, que no século XIX eram políticos-literários, absolutamente parciais e opinativos. Agora necessitavam adotar uma linha mais interessante e ao mesmo tempo direta e objetiva, que privilegiasse a informação.

Alguns veículos foram pioneiros em adotar novas técnicas de texto e linguagem de acordo com o que já era desenvolvido internacionalmente.

O *Diário Carioca* foi o primeiro jornal brasileiro a adotar, de forma sistemática, as teorias norte-americanas. Em março de 1950, este matutino lançou um manual de redação e estilo, o primeiro do Brasil. Era um folheto de 16 páginas, escrito por Pompeu de Souza, cujo título era *Regras de Redação do Diário Carioca*. (RIBEIRO, 2007, p.33).

Influenciado pela modernidade americana após trabalhar em um programa radiofônico nos EUA em 1941, o jornalista Pompeu de Souza traz ao Brasil ideias inovadoras que gradativamente mudariam para sempre o jornalismo brasileiro. Aos poucos foram introduzidas novas diversas inovações. Sendo pioneiro no *Diário Carioca*, suas técnicas posteriormente foram reproduzidas por profissionais de outros veículos em todo o país, até os dias de hoje.

Novas normas e padronizações começaram a ser implantadas pela primeira vez em um jornal. Com influência estrangeira, mas também com criações do jornalista brasileiro como explica Ribeiro (2007), “A reforma redacional no DC não foi um transplante mecânico do modelo norte americano. A figura central do manual era

o famoso lead, que veio substituir o nariz-de-cera¹, mas inexistia na técnica norte-americana [...]”. (p.111).

Figura fundamental para esse período e também iniciado pelo *Diário Carioca* a partir de 1945, o *copy desk* era formado pelo grupo de redatores que tinham a função de verificar e adequar os textos jornalísticos aos padrões estabelecidos pela empresa. A linguagem editorial adotada pelo veículo e descrita em seu manual deveria ser replicada de forma padronizada nos textos jornalísticos, a fim de criar uma assimilação dos leitores e uma identidade da empresa no mercado.

Essas novas técnicas eram um reflexo das mudanças que os avanços tecnológicos traziam à sociedade que ia adquirindo um caráter de grande metrópole industrial e conseqüentemente deveriam ser acompanhados pela imprensa e seus profissionais. Antes de tais evoluções os jornalistas escreviam o conteúdo para os veículos de forma mais lenta, e com o jornal empresa tudo se tornará mais rápido e emergencial, mudando as características. A padronização dos jornais que acontece principalmente a partir da década de 40 faz com que os jornalistas se profissionalizem e com que a profissão fosse mais organizada.

As mudanças que ocorreram no jornalismo ao longo do tempo e potencialmente nas décadas do século XX, com a modernização, fizeram com que o perfil do jornalista fosse alterado.

O jornalista de hoje se vê como um profissional pragmático, por oposição ao passado, quando a profissão era mais “romântica”. A oposição romantismo x profissionalismo parece indicar que até os anos 70 os jornalistas tinham um envolvimento político e ideológico mais claro, agiam em função de valores e utopias, coisas que atualmente não ocorreria mais. (ABREU, 2002, p.38).

Abreu (2002) explica que os jornalistas que passaram pelo período pós-guerra, ou pelos anos 50, agora nos anos 70, os passam a ter mais espaço e reconhecimento. Outro fator que mostra a mudança no perfil jornalístico é a obrigatoriedade do diploma que fez com que as universidades passassem a dispor dos cursos de jornalismo e todo esse processo possibilitou uma maior profissionalização.

Nas décadas seguintes a internet chega às redações provocando novas transformações e adaptações não só por parte dos jornalistas, mas das empresas e

¹ Parágrafo introdutório que era usado antes de entrar no assunto principal do texto.

do público. No próximo capítulo veremos como o profissional irá reagir à chegada desta nova plataforma de comunicação.

3 MUDANÇAS NO FAZER JORNALÍSTICO COM A CHEGADA DA INTERNET

Neste capítulo será falado sobre as mudanças na profissão com a chegada da internet. Desde a introdução dos computadores na redação, até as possíveis reavaliações de teorias clássicas da comunicação, como o *gatekeeper*, face às novas interações da mídia com a sua audiência.

A tecnologia sempre fez parte da história do jornalismo. Diversos instrumentos foram desenvolvidos desde o surgimento do papiro, da invenção dos tipos móveis de Gutenberg, do telefone e também das máquinas de escrever, tão fundamentais na comunicação. A velocidade com que essas ferramentas eram desenvolvidas e inseridas nos meios de comunicação proporcionava aos jornalistas mais tempo necessário para assimilar tais mudanças. (LIMA JR, 2005).

Porém, nas últimas décadas do século XX, com a chegada da informática e depois da internet às redações, as transformações viriam de forma muito mais veloz. Mudanças nos veículos de comunicação, no perfil dos profissionais e no público ao interagir com essa nova mídia foram observadas.

3.1 A chegada da informática – anos 1970 e 1980

Ao longo do tempo as inserções de novas tecnologias no meio jornalístico provocaram mudanças na atividade, tais como o início da diagramação, a mudança da impressão tipográfica pelo *off set* e outras alterações no âmbito das produções e edições, até a chegada do computador e da internet. Apesar de no princípio a nova tecnologia ter sido recebida com medo, logo o computador ganharia espaço nas redações, facilitando as tarefas e melhorando o ambiente de trabalho.

Segundo Lima Junior (2008), a invenção do computador, idealizado por Von Neumann na década de 1940, foi um marco da passagem da sociedade industrial, que tinha como foco a produção e padronização, para a sociedade de informação, onde as informações são o conteúdo mais importante. Para Lima Jr, essa máquina trouxe mudanças significativas não só no âmbito econômico e social, mas em outras áreas da sociedade. “Não é possível pensar o jornalismo contemporâneo sem a

utilização de computadores em todas as suas fases de produção”. (LIMA JR, 2007, p.3)

Baldessar (2008) explica que a inserção dos computadores não mudou as redações de uma hora para a outra, mas os profissionais de comunicação se viram obrigados a se adaptar às mudanças no desempenho das suas funções. Uma nova realidade com mais exigência, mais qualificação, especialização e modificações nas condições de trabalho faria parte do dia a dia dos jornalistas a partir da década de 1980.

Um exemplo de adaptação e inserção dessa nova tecnologia dentro no veículo foi o jornal *Folha de São Paulo*, pioneiro no país ao introduzir o computador nas redações, muito por conta da necessidade e custo do mercado:

O jornal *Folha de S.Paulo* foi o primeiro no Brasil a introduzir terminais de computador em suas redações, projeto que vinha sendo elaborado desde 1968 e foi efetivado em 1983. Os terminais de vídeo na redação da *Folha* vêm abolir definitivamente a máquina de escrever. Já o jornal *Gazeta Mercantil*, também de São Paulo, aliado às telecomunicações em seu sistema de impressão, transmite fac-símiles através de leitura a laser, com definição máxima de detalhes para arte-final na página de prova. Assim, o jornal é reproduzido em sua sede, São Paulo, e transmitido via satélite para o Rio de Janeiro, Salvador, Brasília e Porto Alegre, sendo que cada uma destas cidades recebe uma edição diferente e regionalizada, simultaneamente. A exemplo da pioneira *Folha*, os jornais *O Globo*, *o Diário Catarinense*, *A Tribuna*, *o Zero Hora*, *o NH* e *O Estado de S. Paulo* procuraram adaptar-se à nova era do jornalismo através da informática. (VIANNA, 1992, p. 24.)

A iniciativa de buscar a informatização ocorreu porque, segundo o então diretor-executivo da *Folha*, Luciano Ornelas, se não houvesse a modernização o jornal certamente fecharia as portas. Vianna (1992) destaca que “Os custos de produção cresceram de tal maneira que não havia outro caminho a não ser a informatização” (1992, p.52).

As mudanças aconteceram não apenas no âmbito estrutural, mas também profissional desses veículos. Apesar dos jornais obterem, a longo prazo, uma redução de custos com o advento das novas tecnologias e a chegada do computador, que barateava a produção, isso não foi o suficiente para evitar a substituição de alguns jornalistas dentro das redações.

Sem dúvida nenhuma, é na linha de produção de um jornal ou revista que se perceberam as mudanças mais óbvias: o diagramador, que antes não vivia sem a régua de paicas, as cartelas de letras set e a caneta nanquim, aderiu aos softwares de edição de texto e trabalha com precisão. A mesma sorte não tiveram os revisores e *copy-desks*² que, simplesmente, um a um, foram desaparecendo da redação. (BALDESSAR, 2005, p.3)

Para o especialista em mídia Anthony Smith, as mudanças ocasionadas pela digitalização da imprensa com a chegada dos computadores aos jornais, foram equiparadas aos “dois abalos anteriores nas comunicações: o primeiro, causado pela invenção da escrita, e o segundo, pela prensa de Gutenberg” (DIZARD, 2000, p.221). Essas mudanças culminariam em uma reestruturação dos impressos. As inovações foram observadas não apenas no ambiente e na estrutura física, mas também na relação dos profissionais com o texto, o qual, com o auxílio do computador pôde ser facilmente editado e manipulado.

O computador, acrescenta Smith, exige uma reorganização completa do conceito por trás do veículo impresso. Embora os computadores fossem inicialmente usados pela indústria da editoração para fabricar produtos na sua forma tradicional, a informatização da imprensa abre possibilidades inovadoras para se coletar, armazenar e comercializar informação para públicos de massa (apud DIZARD, 2000, p.221).

Dessa forma os meios de comunicação conseguiram adotar um ritmo de produção mais acelerado, contando com os novos suportes tecnológicos que em seguida seriam ampliados com a chegada da internet.

3.2 Anos 1990: a internet chega às redações, o jornalismo se transforma

De acordo com Luciana Mielniczuk (2001), antes da invenção do World Wide Web (WWW ou Web), a rede já era usada para a disseminação de determinadas informações, entretanto essas funções eram destinadas a públicos mais específicos e eram realizadas por meio de e-mails, de boletins disponíveis através do Gopher³ ou de ferramentas parecidas. Segundo a autora, “A Internet passa a ser empregada, de forma expressiva, para atender finalidades jornalísticas, a partir de sua utilização

² Copydesks era o profissional cuja função era rever os textos dos jornalistas, analisando a linguagem e erros ortográficos antes do conteúdo ser publicado.

³ O Gopher é um sistema que possibilita o acesso a informações mantidas em diversos computadores da rede. O acesso é feito através de menus e esse sistema comporta apenas textos.

comercial, que se dá com o desenvolvimento da Web no início dos anos 90” (MIELNICZUK, 2001, p.1)

Pinho (2003) vai definir a internet com “a rede das redes”, ou seja, o conjunto de muitas redes de computadores conectados em vários países, de todos os continentes, programados a fim de trocar informações e até recursos computacionais. As conexões entre a internet também empregam outras tantas tecnologias, como satélites, linhas telefônicas, e cabos de fibra óptica, por exemplo.

A internet e outras tecnologias de comunicação mudaram a concepção de tempo e espaço na sociedade. A cada nova invenção, novas possibilidades de criar e se comunicar, cada uma com a sua especificidade e utilidade. A partir da criação de tais tecnologias, há muito mais velocidade e instantaneidade em diversas relações profissionais e pessoais e no jornalismo não é diferente, principalmente com a chegada da internet.

O surgimento da Internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa. Tal mudança criou novos fluxos e canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais. Juntamente com essa complexificação, o aparecimento de ferramentas de publicação pessoal, tais como weblogs, fotologs, e mesmo o Youtube, por exemplo, deu força e alcance para esses fluxos, ampliando a característica de difusão das redes sociais (ADAMIC *apud* RECUERO, 2009, p. 116).

Maria José Baldessar (2005) aponta a web, no início, como algo ainda sem uma identidade e linguagem própria definida, que aproxima os meios e difunde textos, sons e imagens dos mesmos. Uma tecnologia que surge mudando e aproximando as formas de produção na comunicação.

A primeira fase da rede foi denominada de Web 1.0, baseada no conceito de páginas na rede. Nela as empresas começaram a criar um perfil online, fornecendo notícias, conteúdo e entretenimento aos internautas. Tapscott e Williams (2007) explicam que essa forma de produção online era realizada de forma mais lenta, com menos interação, pois nesse modelo o público tinha acesso às informações, mas não conseguia alterar e nem interagir imediatamente com elas. Uma das poucas possibilidades que o leitor tinha, por exemplo, era enviar um e-mail opinativo para o veículo.

Briggs (2007) explica que esse termo inicial foi criado para expor as limitações que identificavam o desenvolvimento dessa rede. Segundo ele, alguns programas

não respeitavam a privacidade do usuário e algumas páginas exigiam cadastros prévios para que fosse possível acessar o conteúdo. Apesar destas dificuldades, esse modelo foi positivo, no sentido de proporcionar às empresas de comunicação páginas sólidas na web (2007, idem).

De acordo Primo (2006), se nessa primeira fase os sites eram trabalhados como unidades isoladas, posteriormente haverá uma estrutura mais interligada de conteúdo e funcionalidades. Assim, os veículos passam a oferecer informação de forma mais participativa e veloz, buscando a criatividade e mais inovações voltadas também para o interesse do usuário.

A Web 2.0, termo adotado pela Norte Americana O'Reilly não é considerado um avanço na tecnologia da web em si, mas mudanças em características e técnicas das páginas na rede. A partir da web 2.0 se dá início a uma transformação no processo de comunicação, pois ela permitiu mais interação com o público e passou a estabelecer uma nova forma comunicação e produção de conteúdo, por meio de diversas mídias centralizadas na rede. Para Briggs (2007), "Os leitores não são mais receptores passivos de mensagens. Eles criam, compartilham e comentam. E eles esperam poder fazer isso também nos sites de notícias" (BRIGGS, 2007, p.34).

A mudança no perfil do público e das características dessa mídia fez surgir uma nova forma de linguagem na comunicação online entre os veículos e a sua audiência:

Não restam dúvidas, no entanto, que essa linguagem se estabelecerá a partir da convergência das mídias e da união dos recursos infinitos de arquivo com a transmissão de informação em tempo real e com as possibilidades inéditas de interatividade e customização (BALDESSAR, 2005, p.4).

Bernardo Kucinski afirma que "a internet é a mais importante inovação derivada dessas novas tecnologias no campo das comunicações" (p.72). Além de sintetizar todas as mídias anteriores, agora é possível manipular, editar, transmitir e gravar conteúdos nos mais diversos formatos em uma única plataforma. "É enorme, quase sem limites, a quantidade de informações que podem ser processadas", ressalta. Isso implica mudanças no perfil do jornalista.

Se este tipo de inferência estiver correta, tudo indica que o profissional mais adequado para o novo mercado terá que ter condições de compreender

processos, planejar ações, interpretar cenários e, mais importante, ser suficientemente flexível para, por um lado, se adaptar e, por outro, reagir de forma criativa aos constantes ajustes dos processos produtivos porque passam as empresas de comunicação (MACHADO; PALÁCIOS, 2007, p. 81).

Com relação às mídias tradicionais, a internet dispõe de várias características que a diferencia. Pinho (2003) aponta que a distinção da internet e dos outros meios se dá por diversos aspectos que seriam: não-linearidade, fisiologia, instantaneidade, dirigibilidade, qualificação, custos de produção e veiculação, interatividade, acessibilidade e receptor ativo.

A não-linearidade é apontada como uma diferença entre o impresso e o *online* porque, segundo Pinho (2003), o conteúdo impresso é linear, com uma sequência e direcionamento específico de leitura que será sempre seguido. Já na rede, por conta de hiperlinks sem uma ordem específica, direcionando o leitor a outros conteúdos, informações principais em destaque, o público tende a consumir esse conteúdo de forma não linear e sim aleatória.

Na fisiologia o autor explica que a tela do computador afeta o leitor por conta da luz, diferentemente do papel. Há também uma alteração de proximidade quando se ler um jornal o afastando e aproximando quando necessário. Já o computador tende a ficar fixado em algum apoio.

Antes do desenvolvimento da internet, quando ocorria algum caso de repercussão, um grande acontecimento, era necessário esperar o próximo dia para conferir os detalhes e ler sobre o evento. A instantaneidade descrita por Pinho (2003) se justifica pelo fato de que com a internet você tem muito conteúdo, de diferentes mídias, disponíveis rapidamente para os internautas.

Todos os veículos de mídia impressa e eletrônica sofrem com restrições de tempo e espaço a todo instante. Tudo é absolutamente medido e controlado. Além disso, é o editor que define o que será realmente publicado ou transmitido. A dirigibilidade é uma das diferenças da rede porque nessa plataforma há menos restrições, com o conteúdo sendo direcionado para o público de forma rápida, sem nenhum filtro segundo o autor.

Apesar de ainda não representar uma ameaça para os veículos de comunicação de massa, no quesito “audiência”, a internet tem crescido

exponencialmente nos últimos anos conquistando público e mercado. A qualificação dessa mídia se dá exatamente por conta do seu público, jovem, qualificado e por isso Pinho (2003) afirma que a internet deve ter a atenção de também ser uma plataforma para formação de opinião.

Em termos de custos para a produção, os veículos tidos como tradicionais saem na frente com gastos mais elevados na produção e veiculação de seu conteúdo. Na rede, depois dos investimentos realizados em hardware e software, no início de sua implementação, produzir na internet tem um custo relativamente pequeno.

Com relação à interatividade, a internet traz novos desafios ao jornalista. Cada vez mais o seu público quer participar do processo, quer opinar, quer ser ouvido. Além disso, grupos, comunidades e redes são criadas para fomentar essas relações. Segundo Pinho: “Na internet, a organização não está falando para uma pessoa, mas sim conversando com ela.” (PINHO, 2003, p.54).

A acessibilidade na rede para Pinho (2003) é indiscutível. Um site, por exemplo, estará disponível para a consulta de seus internautas 24 horas por dia, 7 dias por semana e 365 dias por ano. Essa possibilidade de memória registrando e armazenando todo esse conteúdo ajuda tanto os jornalistas quanto o público quando quer ter acesso a alguma informação.

Diversos profissionais tiveram que se adaptar com o advento da internet, mas esses aspectos apontados mostram algumas diferenças entre as mídias tradicionais e a rede. Com a convergência das mídias e as exigências do mercado, o jornalista precisa estar preparado para utilizar todas elas.

A internet, enquanto nova mídia emergente, levou quatro anos para se estabelecer; já a televisão levou 13 e o rádio 35 (ADGHIRNI apud MOTTA, 2002). Isso ressalta o crescimento e influência da web desde a sua criação. Para a autora, a partir desse processo de expansão e novas necessidades para o público e para o profissional, nasce um novo jornalista:

Um novo tipo de jornalista está nascendo desses processos, os quais são rapidamente absorvidos pela maioria das empresas em nome da sobrevivência do produto jornal. Ao que tudo indica, a tendência do jornalismo é a transformação total de seu modo de produção (ADGHIRNI apud MOTTA, 2002, p.153).

De acordo com Lima Jr (2004), para que os jornalistas continuem a prestar serviços à sociedade é preciso buscar evoluir na prática jornalística, entendendo e interagindo com a expansão das novas tecnologias digitais. O perfil do público muda, as características de texto e linguagem muda e o profissional que estabelece essa comunicação também precisa se transformar.

Pollyana Ferrari (2004) afirma que a internet chegou para ficar, ou seja, não é uma moda, uma tendência passageira e não haverá retrocesso com relação ao seu uso. Segundo a autora, os usuários de e-mail nunca mais voltarão a escrever cartas e ir até o correio para postá-las. Algumas mudanças provocadas pela rede são praticamente irreversíveis.

3.3 As teorias clássicas e o novo papel do jornalista na era digital

Diversas teorias que surgiram a partir do século XIX vêm aprimorando os estudos jornalísticos no campo do conhecimento. Teorias são como um conjunto de conceitos e a partir deles é possível interpretar a realidade. Dessa forma elas atuam como uma lente, no sentido de ajudar a ver pontos da realidade nas entrelinhas do dia a dia na sociedade. As teorias ligadas ao jornalismo elas buscam entender as transformações de um fato, do momento em que acontece até atingir os meios de comunicação e o público.

Sob essa perspectiva é observada a teoria do espelho, uma das primeiras a ser desenvolvida. Nela as notícias são vistas como um espelho da realidade, onde o jornalismo apresentaria o que acontece na sociedade, mas sem opinar, apenas reproduzindo de forma neutra. Traquina (2005), diz que há alguns membros da comunidade jornalística (notadamente os jornalistas e veículos de imprensa) que não aceitam ataques a essa teoria, pois a credibilidade jornalística está baseada na crença de que as notícias são um reflexo da realidade e os veículos buscam a imparcialidade.

Outra teoria bastante discutida na comunicação é a do *Gatekeeper*. Nela o processo de produção de notícias é encarado de modo a “filtrar” o que será notícia e o profissional de imprensa tem a função de decidir se o tema deve ou não ser publicado.

Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos gates, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é, o *gatekeeper*, tem de decidir se é notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo “portão”; se não for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua “morte” porque significa que a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação. (TRAQUINA, 2005, p.150).

Na teoria do *Gatekeeper*, segundo Pamela e Tim (2016), os responsáveis por esses “portões” podem facilitar ou dificultar a difusão de informações à medida em que escolhem quais assuntos podem ou não ser divulgados. Não se trata de “manipulação” da notícia, mas de certa forma ocorre por conta de fatores ligados ao jornalismo e fatores externos.

Mais uma teoria desenvolvida para compreender os processos de construção da notícia foi a do *Newsmaking*. Nela defende-se a ideia de que tantos os assuntos como a abordagem dada precisam ser analisados e enquadrados corretamente, pois essa abordagem desempenha um papel importante na mídia. Martins (2017) elucida que, a forma como a história é contada lhe dá um certo sentido, ou seja, oferece à sua audiência certas opções e direcionamentos com relação ao entendimento da mensagem.

As ideias defendidas por essa teoria divergem em alguns pontos da teoria do espelho, ao mostrar o jornalista como um agente mais responsável e envolvido no processo de transmissão da mensagem. Para Martino (2017), as escolhas que os jornalistas fazem ao escrever uma notícia mudam, de alguma forma, a maneira como os leitores vão compreendê-la. Há então uma parcialidade direta ou indiretamente ligada à forma de produção do profissional.

Na Teoria Organizacional, o trabalho realizado pelos jornalistas é influenciado diretamente pelos meios que a organização possui. Ela destaca o peso e a importância do fator econômico no desenvolvimento da atividade jornalística.

O espaço ocupado pela publicidade intervém diretamente na produção do produto jornalístico. Por exemplo, na imprensa, os jornalistas enchem o espaço deixado em aberto pela publicidade. Assim, o espaço disponível para a informação, ou seja, as notícias, é antes de mais nada determinado pela publicidade. (TRAQUINA, 2005, p.158)

Há ainda, segundo Traquina (2005), uma proporção econômica capaz de enfatizar a notícia como um produto que deve ser entregue ao cliente, alcançando suas especificidades. Para o autor, por ser perecível, a informação deve chegar o mais rápido possível ao receptor final e ser consumida.

Uma das teorias que aborda a relação direta da notícia com a sociedade é a *Agenda-setting*. Nela, os meios de comunicação teriam entre suas funções influenciar a agenda pública, ou seja, pautar o que irá repercutir e se tornará tema das conversas entre os cidadãos. Castro (2014), explica que essa ideia tem como foco compreender a atuação dos *mass media* na opinião pública.

O advento da internet proporcionou muitas mudanças na interação da audiência com o produtor de conteúdo, que antes era só os meios de comunicação tradicionais. Com a rede, qualquer pessoa pode publicar na web e também tem autonomia e liberdade para escolher o que quer consumir. Dessa forma, algumas teorias são questionadas à medida em que a interação, o processo de produção e o perfil do público muda. Cabe ao jornalista se adaptar a tais mudanças, veiculando conteúdo com o auxílio das plataformas disponíveis que alcançam a audiência. Para Zélia Adghirni (2001), ao perceberem as transformações do jornalismo, os editores se veem desafiados a incorporar novos formatos às redações e novas atribuições aos profissionais.

4. ESTUDO DE CASO: O JORNALISTA MULTITAREFA NA ATUALIDADE

Neste capítulo serão analisadas as entrevistas qualitativas que foram feitas com jornalistas que trabalham na região do Vale do Paraíba Fluminense. Tanto graduados como estudantes de comunicação que já trabalham na área foram ouvidos no intuito de se entender o atual cenário da profissão jornalística face às novas tarefas, funções e ferramentas que passaram a fazer parte do cotidiano.

Por meio dessas narrativas será possível verificar o perfil dos jornalistas na atualidade, tendo como foco a percepção dos mesmos quanto à profissão e a carreira. Serão mostrados gráficos e tabelas para ilustrar os resultados dos questionários e as falas dos personagens serão expostos na íntegra e de forma aleatória na medida em que os temas forem abordados. Foi feita uma enumeração, de 1 a 10, para nomear cada jornalista e empregar suas opiniões na discussão do trabalho.

A estrutura de análise dos resultados do capítulo é com base na pesquisa de pós-doutorado “Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista” publicada em 2003 por José Roberto Heloani. Por fim serão realizadas considerações com base nas argumentações e teorias mostradas, apresentando os resultados provenientes do conteúdo analisado.

4.1 A metodologia utilizada

Para esta pesquisa, foram entrevistados 10 profissionais de imprensa que residem nas cidades de Barra Mansa e Volta Redonda e trabalham diretamente em empresas de comunicação como rádio, TV, jornais impressos e online. Os jornalistas que participaram da pesquisa trabalham nos veículos: *rádio 88 FM*, *Rádio Nova Sul Fluminense*, *Rádio Líder FM*, *TV Rio Sul*, *Band Rio Interior*, o jornal online *Foco Regional*, jornal impresso *Nosso Jornal* e *A Voz da Cidade*. Alguns exercem a profissão como assessores de imprensa e coordenadores de comunicação em outras empresas que não são veículos de comunicação, mas possuem serviços de assessoria.

Foi elaborado um questionário composto por 17 perguntas de caráter pessoal e profissional, sendo todas abertas. As questões são relativas à concepção do sujeito quanto à sua carreira, às mudanças no cotidiano e às funções exercidas e também quanto ao jornalismo multitarefas - ou ao acúmulo de funções não necessariamente ligadas ao que ele ou ela foram originalmente contratados para desempenhar.

As entrevistas foram gravadas na íntegra em um aplicativo de gravador de voz no celular, com o intuito de preservar por completo a fala dos entrevistados. O tempo médio de duração da entrevista foi de 10 minutos e as mesmas foram realizadas entre os meses de setembro e outubro de 2017, nos locais de trabalho dos profissionais, sendo apenas uma delas concedida por meio de um aplicativo de mensagem, dada a indisponibilidade do entrevistado à época.

4.2 Sobre os entrevistados

Quadro 1: Caracterização da Amostra

Gênero	Estado Civil	Amostra
Mulheres	Solteiras	4
	Casadas	-
Subtotal:		4
Homens	Solteiros	3
	Casados	2
Subtotal:		6
Total:		10

Fonte: Produzida e traduzida pela autora e dados coletados no dia: 14/10/2017

A amostra contou com 10 jornalistas, sendo seis homens e quatro mulheres. Quanto ao estado civil, há a predominância de solteiros.

Quadro 2: Gênero e Idade Média da Amostra

Gênero	Idade Média	Distribuição por idade				Total
		20 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 70 anos	
H e M	34.3					
Mulheres	27.75	2	2	-	-	4
Homens	38.6	3	1	-	2	6
Total		5	3	-	2	10

Fonte: Produzida e traduzida pela autora e dados coletados no dia: 14/10/2017

A idade média dos participantes é de 34,3 anos, sendo que cinco dos 10 sujeitos estão na faixa etária de 20 a 39 anos. Na amostra dos homens, dois têm idade acima dos 50, enquanto na das mulheres, só até os 39 anos.

Quadro 3: Escolaridade e Instituição de Formação

Escolaridade	Total	UBM	UniFOA	Gama Filho	Total
2º Grau Completo	-	-	-	-	
Superior Incompleto	1	1	-	-	1
Superior Completo	9	6	2	1	9
Total	10				10

Fonte: Produzida e traduzida pela autora e dados coletados no dia: 05/10/2017

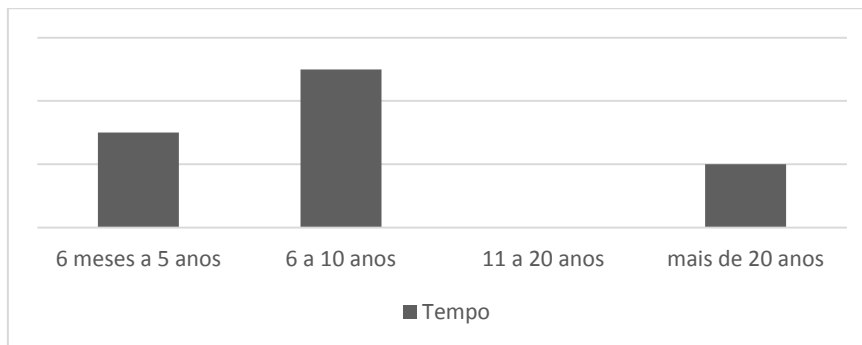
Na tabela 3 é possível observar que a maioria dos entrevistados tem ensino superior completo e apenas um ainda está cursando a faculdade. Como as amostras foram retiradas de profissionais da região Sul Fluminense, há a predominância das universidades UBM e UniFOA na formação dos jornalistas, tendo apenas um deles concluído a graduação em outra faculdade, a Gama Filho.

Dos 10 entrevistados, apenas dois possuem pós-graduação, sendo uma em Gestão Empresarial e a outra em Comunicação Empresarial. Além disso, um

jornalista está cursando Direito, segundo ele, “no intuito de prestar um melhor serviço à sociedade e melhorar o trabalho jornalístico”.

O tempo médio de profissão da amostra é de 14 anos, sendo que 7 deles já atuam na área entre 5 e 10 anos. Todos os profissionais já haviam trabalhado em veículos e empresas de comunicação como estagiários, antes de se formar.

Gráfico 1: Tempo de Profissão



É possível observar que a maior parte dos entrevistados tem até 10 anos de profissão, ou seja, uma carreira relativamente curta. Os entrevistados trabalham atualmente em veículos impressos, de rádio, TV, internet e em empresas diversas, fazendo comunicação e assessoria de imprensa.

Quadro 4: Principal Cargo Exercido

Cargo Ocupado	Gênero		Total
	Homens	Mulheres	
Repórter	2	1	3
Redator	1	-	1
Programador	-	1	1
Produtor	1	-	1
Locutor	-	1	1
Assessor	1	1	2
Editor	1	1	1
Total			10

Fonte: Produzida e traduzida pela autora e dados coletados no dia: 05/10/2017

Pode-se verificar que os cargos exercidos pelos profissionais são diversificados e as funções apresentadas na tabela são tidas por eles como

“principais” já que os mesmos exercem também outras atividades. Quase todos os entrevistados que participaram dessa pesquisa possuem mais de um cargo, às vezes em veículos diferentes.

4.3 O trabalho dos profissionais entrevistados

Além das funções mencionadas, alguns jornalistas também realizam outros trabalhos ligados à comunicação que anteriormente não eram específicos para a sua função. Isso mostra o processo de alteração das atividades na profissão atualmente e a necessidade de manipular mais ferramentas. Isso pode ser verificado nas narrativas a seguir:

“Já apresentei programa de rádio, hoje mesmo vou apresentar, já fui editor de texto. Hoje em dia faço quadro de trânsito, futebol, polícia, tudo ao mesmo tempo. Cada hora você está numa área e não dá pra fugir disso, mas a qualidade que vai para o ar, falando no caso do rádio, acaba sendo muito vaga.”
(Sujeito 2)

“Eu sou assessor, mas também tiro foto, filmo, escrevo a crônica da partida, manipulo as redes sociais. Tudo passa por mim.” (Sujeito 10)

“A princípio eu entrei para fazer apenas a editoria de economia e hoje eu faço mais duas. Estou responsável pelas três”.
(Sujeito 7)

“Eu opero o telepronter e faço matéria na falta de um repórter em campo. Mas aí eu não apareço porque sou produtora”.
(Sujeito 4)

“Sou telefonista às vezes, porque a menina que estava aqui saiu e a gente quebra um galho. Eu não ligo, mas às vezes atrapalha um pouco. Passei a fazer programação também porque estávamos sem.” (Sujeito 3)

Já outros consideram que as suas tarefas estão totalmente atreladas ao exercício da sua profissão, sem acréscimo de atividades que não tem ligação com a sua área, mas ainda assim explicam que podem dar um suporte em outro setor ou realizar função diferente da qual foram contratados:

“Sempre faço o que fui contratado para fazer. É lógico que a gente ajuda, mas nunca houve acréscimo de funções.” (Sujeito 5)

“De outra área, não. Tudo que desenvolvo é ligado ao telejornalismo. Mas faço, sim, funções diferentes daquelas para as quais fui contratado.” (Sujeito 6)

“Está tudo dentro do que era feito.” (Sujeito 1)

Observa-se que as tarefas acrescentadas às rotinas dos sujeitos estão, em sua maioria, ligadas ao trabalho já realizado pelos profissionais em seus veículos de comunicação. Segundo eles, as atividades são incluídas pela falta de profissional para executá-las especificadamente.

O jornalista, enquanto profissional compromissado em dar notícias e informar a sociedade, sempre foi sobrecarregado em suas funções. Antes, um repórter saía em busca da notícia com seu bloco de papel, escrevia seu texto na máquina de escrever e então entregava nas mãos do editor. Com uma produção complexa, e dependendo do veículo em que trabalhava, o texto passava também pelas mãos do redator, *copydesk*,⁴ editor, diagramador, para só então depois chegar ao leitor.

Com o avanço de novas tecnologias, principalmente a internet, o jornalista passou a conviver com mais ferramentas e instrumentos, que substituíram muitos profissionais em suas funções. Para Marcondes Filho (2000), a tecnologia imprime seu ritmo e assim são definidos novos perfis profissionais, com uma nova ética de trabalho, em um cenário recente e diferente para os jornalistas.

Tudo isso, aliado à crise do modelo tradicional de rendimentos numa empresa jornalística (baseado em publicidade, assinatura e vendas avulsas), deixou o mercado e as redações menores para o profissional da imprensa. Demissões

⁴Copydesk era o profissional cuja função era rever os textos dos jornalistas, analisando a linguagem e erros ortográficos antes do conteúdo ser publicado

passaram a ser a regra em redações cada vez menores. Na maior parte dos casos, a regra foi o corte de profissionais e o acúmulo de funções, com sobrecarga de trabalho para aqueles que ficaram.

Questionados sobre o que é ser um jornalista multitarefas, a maioria dos entrevistados apontou para uma realidade de mercado, da qual não é mais possível fugir:

“É uma consequência natural do tempo que estamos vivendo. (...). Eu costumava dizer que uma equipe de televisão era composta obrigatoriamente de quatro pessoas no mínimo, você tinha o repórter, o cinegrafista, o operador de som e o motorista que era um auxiliar com a luz e etc. E hoje não. Você tem o repórter, o cinegrafista só e muitas vezes você já tem o vídeo-repórter que faz tudo.” (Sujeito 9)

“Jornalista multitarefas é aquele profissional que se desdobra em vários. Ele fotografa, escreve, posta nas redes sociais e faz tudo praticamente ao mesmo tempo. Em alguns casos até dirige o carro do próprio jornal.” (Sujeito 7)

“O jornalista multitarefa hoje é aquele que cobra o escanteio e corre para cabecear e fazer o gol.” (Sujeito 2)

“É o que somos hoje de fato. (...) E também é uma questão de saber que você precisa conhecer todas as áreas [do jornalismo] pra se “resguardar” porque se aquela função que você está fazendo hoje for escassa dentro daquela empresa, você tem outras funções que você consegue exercer.” (Sujeito 4)

“Hoje o repórter é redator, editor, ele faz tudo, faz a parte de edição do jornal. (...) Isso em parte traz um problema. Por exemplo: antigamente você tinha um repórter, um editor e um revisor, você tinha três pessoas e hoje você tem uma só. Antes você pagava três salários, hoje você paga um salário só. Com isso o mercado é enxugado.” (Sujeito 5).

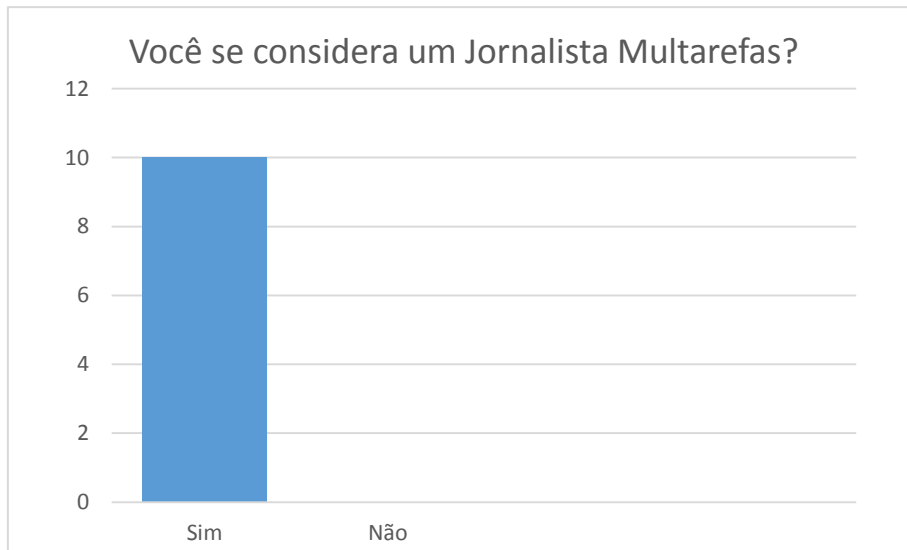
“É um jornalista que primeiro tem que ter domínio digital e segundo tem que estar preparado para dar a informação em tempo real.” (Sujeito 8)

“Jornalista multitarefa é aquele que joga nas 11. (...). E no caso do jornalismo, ainda devemos competir com a não-obrigatoriedade do diploma. Ou seja, os diplomados se sujeitam cada vez mais ao conceito de multitarefa para não correr o risco de perder uma vaga para alguém sem diploma, que cobra mais barato pelo serviço.” (Sujeito 6).

Como pôde ser observado, o perfil do jornalista multitarefa, apontado pelas narrativas, está ligado ao profissional que tem a capacidade de realizar diversas tarefas, simultaneamente, para atender à necessidade do mercado. Para eles, esta é uma realidade incontestável, que se deve a fatores tecnológicos e de mercado, com empresas que buscam “enxugar” o quadro de funcionários buscando economizar.

Como analisou Heloani (2003), as organizações, pressionadas pelo processo de globalização, substituem cada vez mais o homem pela máquina, implementam novas tecnologias e obrigam o jornalista a se adaptar freneticamente a elas. Assim esses profissionais são levados muitas vezes a níveis cada vez mais altos de estresse.

Esta realidade do setor é levantada com o fato de todos os entrevistados, impreterivelmente, se considerarem multitarefas em seus exercícios na comunicação. Os dez sujeitos afirmaram que acumulam tarefas em seus empregos e que isso é uma necessidade mediante a realidade do imediatismo e volume de conteúdo que as mídias necessitam e das muitas ferramentas que é preciso utilizar simultaneamente.

Gráfico 2: Jornalistas Multitarefa

Fonte: Produzida e traduzida pela autora e dados coletados no dia: 05/10/2017

“Sim. O que eu mais tenho aqui é tarefa. Eu faço a produção (...) Sou operadora de teleprompter todos os dias no RJ (telejornal diário da região na emissora TV Rio Sul, filiada da Rede Globo) na hora do almoço e quando não tem repórter eu vou para a rua, faço a matéria, bato o texto.” (Sujeito 4)

“Sim. Praticamente, tudo o que sai da empresa em que trabalho, normalmente sou eu que alimento a imprensa.” (Sujeito 10)

“Eu acho isso bacana, porque você aprender determinadas técnicas que você acha que não vai conseguir cumprir, é um desafio pra gente. É muito mais cansativo você atuar hoje se você comparar ao que era antigamente, aumenta a taxa de estresse, mas é gratificante e não tem como fugir disso.” (Sujeito 9)

“Acabei de fazer um jornal agora, editando o jornal durante o jornal, escrevendo minha coluna, apresentando e isso a gente faz com a maior facilidade.” (Sujeito 5)

“Sou responsável pela produção, edição de texto, reportagem e, às vezes, comentários no programa semanal da emissora.”
(Sujeito 6)

Enquanto profissionais que se consideram multitarefas, esses jornalistas acabam sendo responsáveis pela utilização de diversos instrumentos no trabalho. À medida que novos dispositivos ligados à comunicação surgem, há a necessidade de aprender a utilizá-los e inseri-los no processo de produção de seus conteúdos. Algumas atividades realizadas são:

“Eu gravo áudios que são entrevistas de rua ao vivo pela manhã e faço uma gravação de áudio pela manhã também para transmitir no programa da tarde. Faço vídeos do meu celular mesmo, narrando o que está acontecendo no bairro, tiro fotos.” (Sujeito 1)

“Cuido do Facebook, Twitter, Instagram, tiro foto, gravo áudio, faço vídeo, escrevo textos e atendo a imprensa.” (Sujeito 10)

“Nas gravações externas, uso apenas o microfone e o famoso ‘papel e caneta’ (...). Na redação, uso o AP News (...). Na edição de imagens, uso o Adobe Premiere (...). opero o TP durante as gravações.” (Sujeito 6)

“Aqui eu manuseio um notebook, microfone, mas é principalmente o notebook, que é onde eu tenho todas as informações.” (Sujeito 5)

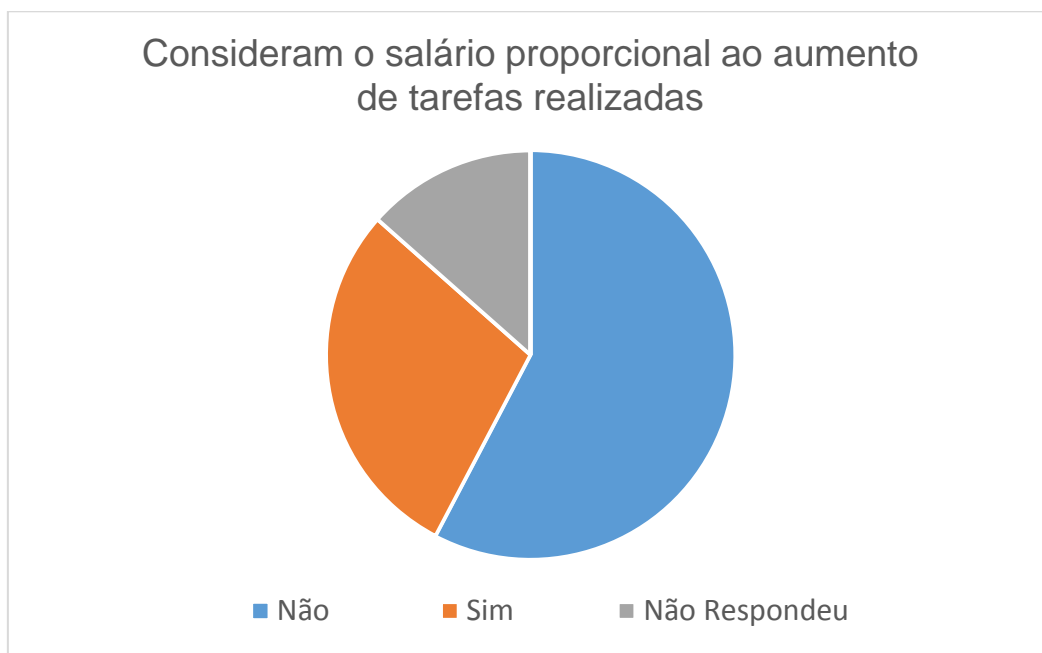
“Uso tudo o que você pode imaginar. As únicas coisas que eu ainda tenho dificuldade de usar é o Photoshop. Não tem jeito, querendo ou não querendo você tem que se adequar.” (Sujeito 9)

“O celular, as redes sociais, internet no geral, e-mail, gravador, tiro foto. Você tira uma foto na rua, manda para o grupo de produção no ‘whats’ [Whats App] e eles já espalham para a internet.” (Sujeito 2)

As atividades que muitos jornalistas acabam por assumir, como foi possível constatar nas narrativas, estão muitas das vezes ligadas à comunicação, porém há um excesso de tarefas e ferramentas para um mesmo profissional manusear. Essas mudanças fazem com que haja uma transformação no cenário das mídias atualmente, com um novo perfil de comunicadores.

Para Marc Laimé, citado por Zélia Adghirni (2002), a ruptura brutal do exercício da profissão de jornalista pelas novas tecnologias digitais tende a transformar o jornalista em trabalhador autônomo, privado das garantias contratuais estabelecidas pelas empresas e pelos sindicatos e propenso, fora de qualquer parâmetro ético, a propor seus serviços de "produtor de conteúdos multimídia e multisuporte" a qualquer empresa que exerça uma atividade comercial no setor das comunicações.

Gráfico 3: Proporcionalidade do salário com o aumento de tarefas



Fonte: Produzida e traduzida pela autora e dados coletados no dia: 05/10/2017

Conforme é apresentado no gráfico, seis dos 10 entrevistados não consideram que o aumento salarial ocorre em proporção ao aumento de tarefas que são cumuladas. Um deles nunca passou pela situação de realizar mais funções e

receber um salário apenas e outros três disseram que foram recompensados pelas tarefas que começaram a fazer.

“O trabalho sempre aumenta muito, mas o salário aumenta pouco. É muito difícil ser proporcional.” (Sujeito 10)

“Aqui no programa eu consigo tirar alguns extras com umas tarefas que eu não sou designado a fazer, que eu faço, mas aí é um acordo de cavalheiros, nada oficial na carteira.” (Sujeito 2)

“Não. Aumenta o número de tarefas, de funções dentro das redações, mas o salário continua o mesmo.” (Sujeito 7)

“Nas redações que eu trabalhei isso não acontecia. Se uma pessoa fazia algo e ela é mandada embora, o que ela fazia é dividido por outras pessoas, mas não se ganha nada mais por isso.” (Sujeito 8)

“Fui contratado para fazer uma função e hoje desempenho várias. E quando isso ocorreu, partiu da chefia o aumento do salário.” (Sujeito 6)

“O jornalista não é bem pago não. O que eu faço aqui, eu tenho o meu salário fixo como produtora e o que eu faço a mais eu não recebo não, mas levo como aprendizado.” (Sujeito 4)

“Antes eu era responsável pelo jornalismo e uma outra menina era a programadora. Hoje em dia eu sou a jornalista e também a programadora. E quando eu comecei nessa função, eu conversei que estava fazendo uma função a mais, e aumentaram o meu salário.” (Sujeito 3)

“Não. Aumentam as tarefas e não é proporcional. Sai um, aí acaba que a gente tem que fazer o que o outro fazia. As vezes dão uma ajuda a mais.” (Sujeito 1)

Como é possível perceber, segundo os profissionais em suas narrativas, a carreira ainda é desvalorizada no âmbito salarial. E foi uma das mais afetadas com

relação à chegada das novas mídias e ao novo cenário de trabalho. A pesquisadora Fernanda Lima (2011), ao comentar sobre o cenário de empregos na comunicação, explica que apesar do crescimento significativo em alguns setores da sociedade, os jornalistas ainda têm muitas dificuldades em encontrar ou até manter a sua vaga de emprego principalmente nos meios de comunicação mais tradicionais.

Outro aspecto levantado na análise é a saúde dos profissionais de comunicação. O jornalista sempre foi visto como um profissional desgastado, no sentido de precisar estar informado o tempo todo, no ritmo das notícias. Nas narrativas e na tabela abaixo, os sujeitos discorrem se a carreira e o acúmulo de tarefas podem trazer problemas de saúde e quais são eles.

Quadro5: Problemas de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas

Problemas de Saúde	Quantidade
Nenhum	4
Insônia	1
Estresse	5
Total	10

Fonte: Produzida e traduzida pela autora e dados coletados no dia: 05/10/2017

Apesar de não considerarem “problemas de saúde”, alguns jornalistas também indicaram a dor nas costas, gastrite, dor de cabeça e outros incômodos como decorrentes da profissão em si e das tarefas que lhes cabem.

“Já tive muito estresse, dor nas costas. É porque antes o que cinco pessoas faziam, hoje uma faz.” (Sujeito 8)

“Saúde não. Tenho um caroço no dedo, decorrente de passar o dia inteiro no computador e isso é o dia todo, de domingo a domingo.” (Sujeito 9)

“Os meus pais dizem que sim, mas eu não encaro como problema de saúde, eu acho que quando tem que acontecer, acontece.” (Sujeito 2)

“Obviamente temos situações de estresse e fadiga no cotidiano da profissão, como em qualquer outra.” (Sujeito 6)

“No começo da profissão sofria de gastrite, pois ficava ansiosa demais com as coisas, seja uma ligação não atendida, um comentário maldoso...’deadline’⁵ chegando a pauta cai, hoje em dia, mais amadurecida, deixo os acontecimentos acontecerem, sem sofrer por antecipação.” (Sujeito 7)

“Não. O que acontece é que a gente fica estressado, não tem jeito. Mas aí é uma questão de saber lidar. Acaba que a gente fica com dor de cabeça, irritado.” (Sujeito 4)

Quadro 6: Satisfação com a qualidade / resultado do trabalho

Sim Não	Total	Porque	Total
Sim	7	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Não responderam 	4
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Faz o que gosta 	2
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ É gratificante ver o reconhecimento das pessoas 	1
Não	3	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipe muito reduzida 	1
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sempre pode melhorar 	2
Total	10		

Fonte: Produzida e traduzida pela autora e dados coletados no dia: 05/10/2017

Percebe-se com a tabela anterior que, ao menos com relação à qualidade do trabalho e o resultado apresentado, a maioria dos entrevistados se considera satisfeito, principalmente por exercerem a função que gostam. Outro aspecto questionado foi a satisfação com a profissão em si de jornalista, já que o mercado tem passado por diversas transformações.

⁵ Deadline em sua tradução significa “linha da morte”, considerada no jornalismo a hora limite, ou o prazo final para que determinado conteúdo fique pronto.

A tabela a seguir apresenta os principais aspectos que os comunicadores levam em conta no momento de apontar a satisfação ou não com a carreira escolhida:

Quadro 7: Satisfação com o trabalho / profissão

Sim Não	Total	Porque	Total
Sim	9	▪ Não responderam	5
		▪ Faz por amor / Ama o que faz	2
		▪ Apaixonado pela profissão	1
		▪ Sempre foi o sonho	1
Não	1	▪ Profissão muito desvalorizada	1
Total	10		

Fonte: Produzida e traduzida pela autora e dados coletados no dia: 15/9/2017

Deste modo percebe-se que há alguns entrevistados se sentem satisfeitos no exercício da profissão por motivos sentimentais relacionados a ela, apesar de ironizarem a questão salarial. O único sujeito que se considera insatisfeito apontou a questão da valorização da carreira. Em sua pesquisa, Heloani (2003) expressou o dilema vivido por profissionais que amam a profissão, mas muitas vezes interrompem a carreira por conta do estresse e ritmo de trabalho:

A maioria desses sujeitos simplesmente ama seu trabalho, são apaixonados pelo que fazem, fetichizam sua profissão. Apesar do “glamour”, do fetiche pelo jornalismo, alguns buscam outras saídas pois, ao contrário de outros colegas, não suportam mais adiar a felicidade e temem não mais aguentarem o ritmo de trabalho por muito tempo, ou melhor, até a aposentadoria (HELOANI, 2003, p. 80).

Assim como percebido na pesquisa de Heloani (2003), os jornalistas ouvidos também apontam em seus depoimentos o amor pela profissão:

“A gente faz por amor. A gente se forma por amor, sabendo que a gente não vai conseguir muito dinheiro na vida.” (Sujeito 3)

“O jornalismo é legal, e é como uma droga, algo que vicia. Mas é muito ingrato o mercado de trabalho.” (Sujeito 10)

“Apesar de tudo eu sou muito apaixonada pelo jornalismo.” (Sujeito 4)

“Eu também já estou com um tempo de estrada que não dá para me arrepender mais. Eu não me vejo fazendo outra coisa.” (Sujeito 9)

“A profissão deveria ser encarada por todas as pessoas com mais valorização. Infelizmente essa profissão nossa de jornalista acaba sendo desvalorizada por ter outras pessoas que as vezes não se qualificam e acabam de certa forma prostituindo o mercado (...)” (Sujeito 1)

“Estou satisfeito. Embora quando eu acho que às vezes, quando eu olho a minha conta bancária eu devia ter ouvido o conselho do meu tio e ter sido médico.” (Sujeito 5)

Por meio destas narrativas, observa-se que realmente há uma satisfação e paixão pela profissão, mas que alguns fatores interferem e atrapalham o desempenho das atividades desses profissionais. Isso mostra que a carreira em si é um fator motivacional, mas que o contexto em que se encontra a profissão em si faz com que alguns jornalistas se sintam desvalorizados e demasiadamente atarefados.

A análise das entrevistas possibilitou entender melhor o novo cenário midiático a partir da convergência das mídias, o qual exige que os profissionais de comunicação dominem um maior número de ferramentas para produção de conteúdo na rede. O manuseio de tantos instrumentos digitais, invariavelmente de forma simultânea, compromete o produto final, que é a informação, pois o foco, em sua grande maioria, passa a ser os meios utilizados e não o conteúdo em si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do tempo o jornalismo teve que se adaptar a diversas mudanças por conta das transformações na tecnologia e na indústria da comunicação, mudanças estas que ajudaram a redefinir a sociedade. O jornalista, enquanto elemento fundamental da comunicação, adaptou textos, linguagens, técnicas e diversos outros fundamentos para caminhar junto a esses avanços, buscando alcançar o público e atender as novas demandas.

Segundo Baldessar (2005) as últimas grandes transformações no cotidiano das redações começaram a surgir a partir da informatização, que teve início na década de 1980. Os computadores começam a chegar aos veículos de comunicação e junto deles havia junto a exigência de maior especialização, qualificação e conseqüentemente, a variedade do trabalho. O impacto dessas mudanças começou a ser visto com a extinção de algumas funções, como a do *copy desk*, por exemplo.

Nos anos 1990 a internet comercial surge para a sociedade em geral, primeiro através do período que ficaria conhecido como *web 1.0* (como vimos, marcado pela transposição de conteúdos analógicos para o meio online), e, mais tarde, já no século XXI, pela *web 2.0*, transformando a prática jornalística e as noções de tempo e espaço para a construção das informações.

Nas últimas décadas, o antigo modelo de negócios da mídia “tradicional” entrou em crise e permitiu à publicidade ficar mais agressiva. Fernando Correia (1997) aponta que a publicidade e os comerciais ocupam tanto espaço nos veículos de comunicação, que passaram a ter mais peso que a própria informação. Para o autor “o jornalismo é apenas uma vertente de um mundo de comunicação social cada vez mais dependente da lógica do mercado” e assim os jornalistas não tem a paz, segundo ele, para lidar somente com as suas notícias.

A partir dessa visão mais voltada para o mercado e lucro, há a migração desses publicitários e dos jornalistas para a web, uma realidade nos dias atuais. Entretanto, é necessário o conhecimento de diversos aparelhos tecnológicos específicos para o trabalho nessa nova mídia. Na tentativa de manter o funcionamento e a rentabilidade de alguns veículos, as grandes empresas de

comunicação começam a enxugar as redações fazendo com que as tarefas que muitos faziam, fosse agora dividida entre poucos profissionais.

Essa pesquisa procurou compreender o que é um jornalista multitarefas e quais os impactos que esse possível acúmulo acarreta na vida desses comunicadores, através de entrevistas com profissionais da região do sul fluminense. A análise das narrativas mostrou que o acúmulo de funções é hoje uma realidade indiscutível dentro das redações. Há de fato um manuseio exagerado de instrumentos, mas esses profissionais já são inseridos neste cenário, tendo, desde o início, a necessidade de se adaptar a essas novas demandas. Há a necessidade do imediatismo do conteúdo e isso deve ser feito da forma mais completa possível.

Com as entrevistas, os depoentes puderam comentar o atual cenário da rotina do jornalista e responder sobre as novas funções do trabalho no dia a dia da profissão. Como foi possível verificar com o estudo de caso, todos os dez profissionais ouvidos se consideram multitarefas, e a maioria deles admite que esse acúmulo de funções muitas vezes prejudica o desempenho de suas atividades. Com base nas narrativas é possível afirmar que hoje estes comunicadores são obrigados a manipular diversas e diferentes ferramentas para produzir o seu conteúdo. Algumas vezes eles são obrigados a realizar tarefas que antes não lhe eram delegadas, mas com a redução do quadro de funcionários é necessário assumir.

A maioria dos entrevistados são homens e têm relativamente pouco tempo de profissão, variando entre seis e nove anos nos cargos. Muitos dos sujeitos ouvidos afirmaram que muitas vezes é necessário fazer mais de uma atividade ao mesmo tempo e que, segundo eles, “seria um reflexo da sociedade informatizada que procura o conteúdo de forma rápida e também do mercado competitivo”.

Algo interessante na análise das entrevistas é que as justificativas de satisfação tanto para a qualidade, quanto para a profissão em si, são baseadas muitas vezes em fatores emocionais, como o fato de “fazer o que ama” ou de “ser apaixonado pela carreira escolhida”. Aspectos como boa remuneração, estabilidade ou plano de carreira não foram mencionados como ligados a benefícios da profissão; pelo contrário, os jornalistas apontam que no âmbito salarial a profissão é bastante desvalorizada.

Com a pesquisa foi possível concluir que o tema necessita ser melhor explorado no aspecto pessoal e profissional da relação entre os jornalistas e as atribuições de sua função. O ambiente jornalístico passa por constantes atualizações, resultado de uma exigência que as tecnologias trouxeram. A partir deste trabalho de monografia intenciona-se aprofundar os estudos sobre o profissional multitarefa, na tentativa de melhorar as condições de trabalho deste segmento.

Ao abordar o assunto, analisando as narrativas dos sujeitos, observamos que essas novas tarefas fazem parte hoje do cotidiano jornalístico e são fenômenos naturais com os quais é preciso adaptar-se. Entretanto, a inserção das mesmas deve ser feita de forma gradual e que preserve a saúde e valorize os profissionais que passam a desempenhar cada vez mais funções. Sendo assim, as pesquisas ligadas ao assunto podem contribuir mostrando qual a melhor forma de introduzir novas funções aos jornalistas sem prejudicar o exercício da profissão.

6 REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- ADGHIRNI, Zélia L. (2001) **Informação online: jornalista ou produtor de conteúdos?** Trabalho apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Informação. Campo Grande, Brasil.
- ALDÉ, Alessandra; CHAGAS, Viktor. **Blog de política e identidade jornalística** (transformações na autoridade cognitiva e na relação entre jornal e leitor). Trabalho apresentado ao NP 02 – Estudos de Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa INTERCOM, 2005.
- ARGENTI, Paul A. e BARNES, Courtney M. **Sobrevivendo na selva da Internet**. Tradução de Beth Torii. São Paulo: Editora Gente, 2011.
- BALDESSAR, Maria José. **Jornalismo e tecnologia: pioneirismo e contradições: um breve relato da chegada da informatização nas redações catarinenses**. Encontro Nacional Da Rede Alfredo De Carvalho, v. 3, 2005.
- BRIGGS, Marks. **Jornalismo 2.0: como sobreviver e prosperar**. Tradução: C. Castilho. Texas: Knight Center for Journalism in the Americas, 2007. Disponível em: Acesso em: 08 ago. 2017.
- CORREIA, Fernando. **Os Jornalistas e as Notícias**, Lisboa, Caminho, 1997
- DAGNINO, Renato. **Neutralidade da ciência e determinismo tecnológico**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008, p.15 - 34.
- DIZARD, Wilson. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. 2 ed. RJ; Jorge Zahar Editor, 2000.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- HELOANI, José Roberto Montes. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista**. Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado – ECA – USP, 2003.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 428 p.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico**. In: Jornalismo On-line: modos de fazer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Salina, pags. 57-74, 2009)
- LENZI, Alexandre. **Mais Batman, menos Super-homem: uma metáfora dos quadrinhos para o estudo do jornalista multitarefa**. Trabalho apresentado no XVI Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul – Joinville – SC, 2015.
- LOPES, Fernanda Lima. **JORNALISMO: uma profissão em crise?** Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 58-72, janeiro/junho 2011.

- LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. *Jornalismo computacional: em função de novo ecossistema midiático na era do Big Data*. SQUIRRA, S. *Cibercoms: Tecnologias ubíquas, mídias persuasivas* (org.). Porto Alegre: Buqui, 2012. 240 p.
- MACHADO, Elias, PALÁCIOS, Marcos (org.). **O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & Software**. Salvador: EDUFBA, 2007. 194 p.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hackers, 2000.
- MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa nos tempos do império**. In: História da imprensa no Brasil, MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. São Paulo, editora Contexto, 2010.
- MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.
- MARTINS, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- MIELNICZUK, Luciana. **"Características e implicações do jornalismo na Web."** Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM. Lisboa. 2001.
- PADRO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro, 2011. 240p.
- PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet: Planejamento e produção da informação on-line**. São Paulo: Summus. 2003.
- PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais, 2006.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. Revista Estudos Históricos, v. 1, n. 31, p. 147-160, 2003.
- SHOEMAKER, Pamela J., and Tim P. Vos. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Penso Editora, 2016.
- TAPSCOTT, Don; WILLIAMS, Anthony D. **Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio**. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. 367 p.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística—uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular 2 (2005).

VIANNA, Ruth Penha Alves. **Informatização da imprensa brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

7 APÊNDICE

Perfil do profissional:

1. Nome:
2. Idade:
3. Escolaridade:
4. Estado civil:

Identificação profissional:

5. Tempo de profissão:
6. Em que veículo trabalha?
7. Em quais já trabalhou antes?

Atividade profissional:

8. Qual a atual função?
9. Já teve outro cargo na área jornalística? Se sim, qual?
10. O que é um jornalista multitarefa?
11. Você se considera um profissional multitarefa?
12. Atualmente você faz alguma atividade que antes não era específica para a sua área? Se sim, o que?
13. Quantos instrumentos / mídias você manuseia no desempenho da sua função?
14. Já teve algum problema de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas na sua profissão?
15. Está satisfeito com a qualidade / resultado do trabalho que você executa?
16. Está satisfeito com o seu trabalho / profissão?
17. Com relação ao salário, já houve aumento quando foi designado pra fazer "outras funções"?

8 ANEXO

SUJEITO 1

Perfil do profissional:

1. **Nome:***Leandro Batista Toledo*
2. **Idade:***38*
3. **Escolaridade:***(Superior) Comunicação Social – Jornalismo UBM*
4. **Estado civil:***Casado*

Identificação profissional:

5. **Tempo de profissão:***6 anos*
6. **Em que veículo trabalha?***Rádio 88fm*
7. **Em quais já trabalhou antes?***Só na Rádio 88fm*

Atividade profissional:

8. **Qual a atual função?***Repórter de comunidade, faço política, cidades, os problemas que acontecem, ouço a população e hoje faço a parte policial também, vou na delegacia, recolho as informações. As vezes também apresento o programa.*
9. **Já teve outro cargo na área jornalística? Se sim, qual?***No primeiro ano que formei fiz uns programas na TV Ideal, ia nos bairros, fazia entrevistas sobre o cotidiano. Sempre como repórter.*
10. **O que é um jornalista multitarefa?***É o que tem que saber, estar preparado para fazer um vídeo, porque os textos são diferentes, o rádio tem uma linguagem, o jornal tem outra, a TV tem outra. O jornalista multitarefa não pode ficar preso só a um caminho, a um veículo de comunicação. Tem que estar apto a desenvolver qualquer tarefa dentro da comunicação. Se precisar fazer um vídeo de emergência, ele tem que saber a postura, tem que saber fazer a entrada desse vídeo, a*

passagem, então ele tem que estar preparado para todos os caminhos no jornalismo porque muita coisa mudou, inovou.

11. Você se considera um profissional multitarefa? *Sim. Hoje eu aprendi muitas coisas no decorrer da profissão, no dia a dia, fazendo muitas coisas. Na TV por exemplo eu não tenho total conhecimento porque nunca trabalhei em televisão, mas eu acredito que eu consiga fazer uma boa matéria, transferir o recado para o telespectador.*

12. Atualmente você faz alguma atividade que antes não era específica para a sua área? Se sim, o que? *Não. Está tudo dentro do que era feito.*

13. Quantos instrumentos / mídias você manuseia no desempenho da sua função? *Eu gravo áudios que são entrevistas de rua ao vivo pela manhã e faço uma gravação de áudio pela manhã também para transmitir no programa da tarde, faço vídeos do meu celular mesmo narrando o que está acontecendo no bairro, tiro fotos.*

14. Já teve algum problema de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas na sua profissão? *Não.*

15. Está satisfeito com a qualidade / resultado do trabalho que você executa? *Estou. Hoje eu estou completamente amadurecido, domino todas as tarefas do rádio. O trabalho hoje é com amor mesmo. Eu faço aquilo que eu realmente gosto.*

16. Está satisfeito com o seu trabalho / profissão? *A profissão deveria ser encarada por todas as pessoas com mais valorização. Infelizmente essa profissão nossa de jornalista acaba sendo desvalorizada por ter outras pessoas que as vezes não se qualificam e acabam de certa forma prostituindo o mercado porque se entende um pouco de comunicação já fala que é jornalista, já quer trabalhar no ramo, já quer pegar uma assessoria de imprensa a acaba não fazendo com qualidade como por exemplo aquela pessoa que tem formação.*

17. Com relação ao salário, já houve aumento quando foi designado para fazer "outras funções"? *Não. Aumentam as tarefas e não é proporcional. Sai um, aí acaba que a gente tem que fazer o que o outro fazia. As vezes dá uma ajuda a mais.*

SUJEITO 2

Perfil do profissional:

1. **Nome:** *Jonathan Augusto Rodrigues Amado de Carvalho*
2. **Idade:** *24*
3. **Escolaridade:** *(Superior) Comunicação Social – Jornalismo UBM*
4. **Estado civil:** *Solteiro*

Identificação profissional:

5. **Tempo de profissão:** *6 anos*
6. **Em que veículo trabalha?** *Rádio 88fm / Nosso Jornal (site e impresso)*
7. **Em quais já trabalhou antes?** *Rádio Sul Fluminense AM e FM, na rádio Cidade do Aço, na Band e na Fundação de Cultura de BM como estagiário.*

Atividade profissional:

8. **Qual a atual função?** *Sou registrado como redator, mas a gente faz de tudo um pouco.*
9. **Já teve outro cargo na área jornalística? Se sim, qual?** *Já fui repórter de rua, repórter policial, de esporte, produtor na Band, assessor de imprensa, traduzia as informações brutas para os textos jornalísticos.*
10. **O que é um jornalista multitarefa?** *O jornalista multitarefa é hoje a peça essencial do jornalismo, as vezes não no quesito de habilidade, mas por conta da economia que as empresas fazem. Mas hoje em dia é aquele que sabe editar uma matéria, se trabalha na TV faz edição de vídeo, se você trabalha no rádio tem que saber editar áudio, se trabalha em um veículo impresso tem que saber editar imagens. O jornalista multitarefa hoje é aquele que cobra o escanteio e corre para cabecear. As vezes ele participa da produção da matéria, não é igual mais igual antigamente que o cara chegava, fazia a pauta e ia para a rua fazer a matéria. Ele participa do dia a dia da redação para saber o que está sendo elaborado pela*

produção, para dar alguns toques porque é ele que está na rua ele tem até uma visão diferenciada do produtor, do que o redator que fica preso na redação, ele pode sugerir pauta, ele pode editar matéria, orientar o cinegrafista a fazer alguma imagem, um fotógrafo a registrar imagem. É aquele que compreende a função desde o apresentador, radialista, o âncora e ajuda no que precisar.

11. Você se considera um profissional multitarefa? *Hoje eu me considero um jornalista multitarefas.*

12. Atualmente você faz alguma atividade que antes não era específica para a sua área? Se sim, o que? *Desde que eu comecei eu fui meio que forçado a ter essa característica de jornalista multitarefa porque nas outras emissoras que eu passei também o que carecia era a falta de pessoal, então você tem que fazer de tudo um pouco. Já apresentei programa de rádio (hoje mesmo vou apresentar), já fui editor de texto. Hoje em dia faço quadro de trânsito, futebol, polícia, tudo ao mesmo tempo. Cada hora você está numa área e não dá para fugir disso e qualidade que vai para o ar, falando no caso do rádio, é muito vaga. No site é a mesma coisa. Infelizmente eu não posso esperar que o Claudinho, meu parceiro, tenha uma pessoa para falar de cultura, uma de política, uma policial, para abastecer o site e se eu fizer só o que eu estou acostumado a fazer, o site vai carecer de informações de outras editorias. A gente não tem aquele brilho do passado que era cada um na sua função e que na minha opinião dava mais qualidade para o conteúdo, que era mais lento, mas em compensação a gente tinha uma qualidade muito maior.*

13. Quantos instrumentos / mídias você manuseia no desempenho da sua função? *O WhatsApp que eu considero uma ferramenta de trabalho hoje porque é um meio de comunicação principalmente da polícia com a gente, da guarda municipal com a gente, da polícia rodoviária federal com a gente. O celular, as redes sociais, internet no geral, e-mail, gravador, tiro foto. Você tira uma foto na rua, manda para o grupo de produção no whats e eles já espalham para a internet.*

14. Já teve algum problema de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas na sua profissão? *Os meus pais dizem que sim, mas eu não encaro como problema de saúde, eu acho que quando tem que acontecer, acontece. Lógico que você descuida, tem época que você está muito tenso. Quando acumula muita tarefa você chega a ter problema para dormir, a gente que é jornalista e gostamos muito de*

café, então você toma café a todo o momento para controlar a ansiedade. Mas com relação a dor na articulação, no joelho, não.

15. Está satisfeito com a qualidade / resultado do trabalho que você executa?

Se a equipe fosse maior hoje em dia não só aqui na 88, no Fato Popular, como também em todas as outras emissoras que eu passei, se eu tivesse uma equipe maior com certeza a qualidade seria outra porque queira ou não, não tem como você negar que o trabalho de um é inferior ao trabalho de muitos. Hoje em dia a qualidade do jornalismo em si caiu muito justamente por conta desse profissional multitarefa. Eu gostaria de produzir muito mais do que eu produzo hoje, mas eu não tenho tempo. Ou eu pego as informações convencionais e disparo para o ouvinte, que é normalmente o que a concorrência faz e se a gente não fizer a gente fica atrás, ou então eu levo um tempo maior para apurar informações que vão ser de interesse do programa, do ouvinte, mas se hoje eu abrir mão de pegar as informações convencionais para apurar, analisar, pra tentar dar um furo eu perco 10, 15 matérias que a outra emissora vai colocar no ar. É complicado, quando você tem uma equipe reduzida é isso, ou você está em um lado, coloca as informações convencionais, ganha no volume de informação, ou você ganha na qualidade e hoje todas as empresas estão priorizando o volume de informação.

16. Está satisfeito com o seu trabalho / profissão? *Estou muito satisfeito.*

Comecei a fazer Direito esse ano com o intuito de acrescentar à minha profissão. Não só financeiramente, mas no quesito de conhecimento.

17. Com relação ao salário, já houve aumento quando foi designado para fazer

"outras funções"? *Não. Às vezes você tem o acúmulo de função e em contrapartida na parte financeira você não tem. Aqui no programa eu consigo tirar alguns extras com umas tarefas que eu não sou designado a fazer, que eu faço, mas aí é um acordo de cavalheiros, nada oficial na carteira.*

SUJEITO 3

Perfil do profissional:

1. Nome: *Letícia Dantas*

2. Idade: *23*

3. Escolaridade: *Superior incompleto Comunicação Social – JornalismoUBM*

4. Estado civil: *Solteiro*

Identificação profissional:

5. Tempo de profissão: *3 anos*

6. Em que veículo trabalha? *Rádio 88fm*

7. Em quais já trabalhou antes? *Assessoria no sindicato dos engenheiros.*

Atividade profissional:

8. Qual a atual função? *Faço toda a área de jornalismo da rádio, faço programação também, faço as enquetes e os debates de todos os dias e não só para essa rádio porque temos mais duas rádios e eu ajudo a produzir conteúdo para todas. Então são três conteúdos diferentes, assim como o informativo também precisa ser diferente.*

9. Já teve outro cargo na área jornalística? Se sim, qual? *Já fui assessora de imprensa.*

10. O que é um jornalista multitarefa? *É difícil definir o que é multitarefa, mas eu digo hoje em questão de crise, que hoje em dia ser multitarefa é essencial. Mas o que é, definir assim em uma palavra talvez eu não consiga. Eu diria que hoje em dia é essencial ser jornalista multitarefa. Se não você não vive, porque você não consegue viver com o salário que a gente ganha como jornalista.*

11. Você se considera um profissional multitarefa? *Sim. Total.*

12. Atualmente você faz alguma atividade que antes não era específica para a sua área? Se sim, o que? *Aqui na rádio sim. Telefonista por exemplo, porque a menina que estava aqui saiu e a gente quebra um galho. Eu não ligo, mas as vezes atrapalha um pouco. O bom é que a gente tem mais interação com o ouvinte e as vezes surge até temas para os debates.*

13. Quantos instrumentos / mídias você manuseia no desempenho da sua função? *As vezes tiro fotos, produzo texto sempre, faço stories quase que diariamente, twitter diariamente, o tempo todo. A hashtag tá estourando lá e a gente tenta encaixar uma hashtag gospel.*

14. Já teve algum problema de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas na sua profissão? *Ainda não. Rola um estresse, mas nada demais.*

15. Está satisfeito com a qualidade / resultado do trabalho que você executa?
Sim

16. Está satisfeito com o seu trabalho / profissão? *A gente faz por amor. A gente se forma por amor, sabendo que a gente não vai conseguir muito dinheiro na vida. Hoje em dia eu estou satisfeita porque eu não sou formada, mas busco além. Pretendo sim procurar outros meios, seja em outras cidades, outros estados.*

17. Com relação ao salário, já houve aumento quando foi designado para fazer "outras funções"? *Foi. Antes existia eu com o jornalismo e uma outra menina era a programadora. Hoje em dia eu sou a jornalista e a programadora. E quando eu comecei eu conversei que estava fazendo uma função a mais, e aumentaram o meu salário.*

SUJEITO 4

Perfil do profissional:

1. Nome: *Camila da Silva Santos*

2. Idade: *25*

3. Escolaridade: *Superior incompleto Comunicação Social – JornalismoFOA*

4. Estado civil: *Solteira*

Identificação profissional:

5. Tempo de profissão: *5 anos*

6. Em que veículo trabalha? *TV Rio Sul*

7. Em quais já trabalhou antes? *Estágio no jornal Aqui, na rádio UniFOA, área de marketing no Supermarketing, assessoria do IFRJ.*

Atividade profissional:

8. Qual a atual função? *Produtora do programa Plugg, que é um programa de entretenimento.*

9. Já teve outro cargo na área jornalística? Se sim, qual? *Já fui assessora de imprensa, estagiária de rádio (repórter, editora), repórter de jornal impresso.*

10. O que é um jornalista multitarefa? *É o que somos hoje de fato. Porque quando a gente entra em uma empresa, igual quando eu entrei aqui para ser produtora eu estava ciente de que iriam surgir outras oportunidades. E também é uma questão de saber que você precisa conhecer todas áreas para se “resguardar” porque se aquela função que você está fazendo hoje for escassa dentro daquela empresa, você tem outras funções que você consegue exercer. É essencial ser multitarefa.*

11. Você se considera um profissional multitarefa? *Sim. O que eu mais tenho aqui é tarefa. Eu faço a produção aqui dentro da redação com base nas sugestões de pauta que a gente recebe. Eu sou operadora de Telepronter todos os dias no RJ na hora do almoço. Quando não tem repórter eu vou para a rua, faço a matéria, bato o texto.*

12. Atualmente você faz alguma atividade que antes não era específica para a sua área? Se sim, o que? *Sim. Operar o telepronter e fazer matéria na falta de um repórter em campo.*

13. Quantos instrumentos / mídias você manuseia no desempenho da sua função? *Produzo conteúdo para o instagram, respondo as mensagens no whatsapp do programa.*

14. Já teve algum problema de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas na sua profissão? *Não. O que acontece é que a gente fica estressado, não tem jeito. Mas aí é uma questão de saber lidar. Acaba que a gente fica com dor de cabeça, irritado.*

15. Está satisfeito com a qualidade / resultado do trabalho que você executa?
Sempre.

16. Está satisfeito com o seu trabalho / profissão?*Estou. Apesar de tudo eu sou muito apaixonada pelo jornalismo.*

17. Com relação ao salário, já houve aumento quando foi designado para fazer "outras funções"?*Não. O jornalista não é bem pago não. O que eu faço aqui, eu tenho o meu salário fixo como produtora e o que eu faço a mais eu não recebo não, mas levo como aprendizado.*

SUJEITO 5

Perfil do profissional:

- 1. Nome:***Fernando José de Barros Ferreira*
- 2. Idade:***62*
- 3. Escolaridade:***Pós-graduação Gama Filho*
- 4. Estado civil:***Casado*

Identificação profissional:

- 5. Tempo de profissão:***48 anos*
- 6. Em que veículo trabalha?***A voz da cidade, Líder Fm, UniFOA*
- 7. Em quais já trabalhou antes?***O Globo, rádio Tupi RJ, Gazeta*

Atividade profissional:

- 8. Qual a atual função?***Âncora e produtor de um programa de rádio, assessor de imprensa no UniFOA, colunista no jornal A Voz da Cidade.*
- 9. Já teve outro cargo na área jornalística? Se sim, qual?***Já fui assessor de imprensa, repórter, redator, editor, produtor, âncora.*

10. O que é um jornalista multitarefa? *É o que nós vemos hoje. Na minha época já tinha multitarefa, mas de uma forma mais velada, por exemplo você redigia a sua matéria e editava. Mas era algo que uns jornalistas faziam e outros não. O Globo tinha copy desk, hoje isso não existe mais. Hoje o repórter é redator, editor, ele faz tudo, faz a parte de edição do jornal. Isso em parte traz um problema. Por exemplo antigamente você tinha um repórter, um editor e um revisor, você tinha três pessoas e hoje você tem uma só. Antes você pagava três salários, hoje você paga um salário só. Com isso o mercado é enxugado.*

11. Você se considera um profissional multitarefa? *Eu confesso que redes sociais não é muito o meu forte, mas nas outras áreas sim. Acabei de fazer um jornal agora, editando o jornal durante o jornal, apresentando e isso a gente faz com a maior facilidade.*

12. Atualmente você faz alguma atividade que antes não era específica para a sua área? Se sim, o que? *Não. Sempre faço o que fui contratado para fazer. É lógico que a gente ajuda, mas nunca houve acréscimo de funções.*

13. Quantos instrumentos / mídias você manuseia no desempenho da sua função? *Aqui eu manuseio um notebook, microfone, mas é principalmente o notebook, que é onde eu tenho todas as informações.*

14. Já teve algum problema de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas na sua profissão? *Só tive estresse.*

15. Está satisfeito com a qualidade / resultado do trabalho que você executa? *Nunca estou satisfeito. Acho que o dia que eu ficar satisfeito eu paro totalmente e vou embora.*

16. Está satisfeito com o seu trabalho / profissão? *Sim. Embora quando eu acho que as vezes, quando eu olho a minha conta bancária eu devia ter ouvido o conselho do meu tio e ter sido médico.*

17. Com relação ao salário, já houve aumento quando foi designado para fazer "outras funções"? *Eu nunca passei a situação de estar fazendo duas tarefas e estar ganhando um salário só.*

SUJEITO 6

Perfil do profissional:

1. **Nome:** *Leonardo Dantas do Amaral Bertinatto.*
2. **Idade:** *27*
3. **Escolaridade:** *Superior incompleto Comunicação Social – Jornalismo **UBM***
4. **Estado civil:** *Solteiro*

Identificação profissional:

5. **Tempo de profissão:** *7 anos*
6. **Em que veículo trabalha?** *Band Rio Interior*
7. **Em quais já trabalhou antes?** *Prefeitura de Barra Mansa, na própria Band (numa primeira passagem), na A3 Produtora Audiovisual e agora novamente na Band.*

Atividade profissional:

8. **Qual a atual função?** *Produtor, editor-chefe e repórter.*
9. **Já teve outro cargo na área jornalística? Se sim, qual?** *Apresentador no Way Channel*
10. **O que é um jornalista multitarefa?** *Jornalista multitarefa é aquele que joga nas 11. Apura, produz, edita, faz vídeo... E considero tal conceito como uma faca de dois gumes. O multitarefa é uma exigência atual do mercado de trabalho, independente da área de atuação. Com a crise que o país vive e a necessidade de se manter numa vaga ou buscar uma nova, o profissional se oferece a exercer mais de uma função. É claro que, aos que conseguem, é uma demonstração de qualidades e profissionalismo. Mas, por outro lado, vemos casos que beiram a exploração. E no caso do jornalismo, ainda devemos competir com a não-obrigatoriedade do diploma. Ou seja, os diplomados se sujeitam cada vez mais ao conceito de multitarefa para não correr o risco de perder uma vaga para alguém sem diploma, que cobra mais barato pelo serviço.*

11. Você se considera um profissional multitarefa? Sim. *Sou um multitarefa. Sou responsável pela produção, edição de texto, reportagem e, às vezes, comentários no programa "Tô na Área". E tenho isso como uma honra, de certa forma. Sei que a emissora delega estas funções a mim por confiar no meu trabalho. Sobretudo na área de esporte, na qual sou especialista. É claro que às vezes o cansaço bate, sentimos falta de mais uma pessoa para dividir as tarefas quando alguma dificuldade surge. Mas, num aspecto geral, tenho conseguido conciliar todas as funções. E considero que isso é muito para o mim, profissionalmente falando. Tenho a oportunidade de novas experiências e não fico limitado a um único papel. E no processo de produção do programa também creio ter o seu lado positivo, pois consigo construí-lo numa mesma linha de raciocínio. Com um programa diário, isso seria mais difícil. Mas num programa semanal, é possível.*

12. Atualmente você faz alguma atividade que antes não era específica para a sua área? Se sim, o que? *Da área, não. Tudo que desenvolvo é ligado ao telejornalismo. Mas faço, sim, funções diferentes daquelas para as quais fui contratado. Quando retornei à emissora, a convite do gerente geral, minha função era produzir e editar o programa "Tô na Área". Em pouco tempo, por necessidade de conteúdo, participei do programa como comentarista. E em seguida passei a ser repórter, já que a outra equipe de reportagem da emissora é exclusiva do jornalismo geral.*

13. Quantos instrumentos / mídias você manuseia no desempenho da sua função? *Nas gravações externas, uso apenas o microfone e o famoso papel e caneta, indispensável para qualquer jornalista. Na redação, uso o AP News, software responsável pelo fechamento do espelho do programa e pela compilação de textos. Na edição de imagens, uso o Adobe Premiere (não sou responsável pela edição de imagens, mas contribuo quando necessário, sobretudo em matérias minhas). No switcher, durante a gravação do programa, opero o TP. Não sou o responsável pelas redes sociais oficiais da emissora, mas elas são, de forma geral, uma ferramenta de trabalho importantíssima.*

14. Já teve algum problema de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas na sua profissão? *Não. Obviamente temos situações de estresse e fadiga no cotidiano da profissão, como em qualquer outra. Mas não os atribuo ao acúmulo de tarefas. São consequência de um trabalho de muita responsabilidade, da vida atribulada*

(com outros afazeres pessoais, por exemplo) e da urgência que permeia a nossa profissão: tudo no jornalismo é urgente, para ontem. Isso requer concentração, atenção e total dedicação. Hora menos hora, a estafa vem. Mas nada de anormal. Ao menos no meu caso.

15. Está satisfeito com a qualidade / resultado do trabalho que você executa?

Sim. Modestamente, creio que contribuo da melhor maneira possível na construção do programa, já que gosto do que faço. Acompanho diariamente o esporte, os times, assisto aos jogos e creio que tenho base suficiente para fazer um bom trabalho. Obviamente sempre há onde melhorar e sempre coisas novas a aprender. Ninguém é perfeito. Ao ver minhas reportagens ou ler alguns textos meus, sempre há o pensamento que de outra maneira seria melhor, que uma palavra diferente faria mais sentido, que uma imagem de outro ângulo contaria melhor a história. Mas são situações pontuais.

16. Está satisfeito com o seu trabalho / profissão?

Em relação à profissão, estou satisfeito porque sempre foi um sonho ser jornalista esportivo e considero que hoje vivo meu melhor momento profissional, com a oportunidade de estar no vídeo e cobrindo fatos importantes do esporte no interior do Rio. Mas o jornalismo, num aspecto geral, tem me decepcionado. O primeiro episódio foi a queda da obrigatoriedade do diploma. Vi esta decisão do Supremo como um desrespeito à profissão. Você não pode ser médico sem medicina, advogado sem direito, engenheiro sem engenharia. Mas pode ser jornalista sem jornalismo. Uma aberração, na minha opinião. O quadro da crise do país, que atingiu em cheio a nossa área também foi uma grande decepção. Vivi na pele esse problema. As vagas diminuíram, apesar dos grandes eventos que o Brasil recebeu entre 2013 e 2016. Para ser contratado, era necessária uma indicação ou ter um patrocínio para te bancar. No interior, a situação era - e ainda é - dramática. Cada vez mais postos de trabalho se fecham, cada vez mais se exige do profissional pagando cada vez menos, enquanto pessoas sem o esforço dos 4 anos de faculdade ou sem talento invadem os poucos postos que sobraram após a crise. O profissional de comunicação tem sido desrespeitado sistematicamente. E continuará sendo. Não somos uma classe unida; não temos órgão sindicais que nos representem de forma enfática como profissionais; temos inúmeros interesses a servir que não os nossos em função de acordos entre veículos e políticos; e temos

que lidar diariamente com o ego. Talvez este seja o grande problema do jornalista: a briga de egos dentro das redações. Mas repito: isso é de uma maneira geral. Essa não é a minha realidade - ao menos agora - e não me faz pensar em desistir. Estou onde sempre quis e me sinto realizado.

17. Com relação ao salário, já houve aumento quando foi designado para fazer "outras funções"? *Sim. Como disse, fui contratado para fazer uma função e hoje desempenho várias. E quando isso ocorreu, partiu da chefia o aumento do salário. Nem precisei pedir e isso já ocorreu de maneira automática e fácil, numa atitude que partiu do gerente geral da emissora.*

SUJEITO 7

Perfil do profissional:

- 1. Nome:** *Franciele Aleixo*
- 2. Idade:** *32*
- 3. Escolaridade:** *Superior Comunicação Social UBM*
- 4. Estado civil:** *Solteira*

Identificação profissional:

- 5. Tempo de profissão:** *9 anos de profissão*
- 6. Em que veículo trabalha?** *Jornal A voz da cidade*
- 7. Em quais já trabalhou antes?** *Prefeitura de Barra Mansa*

Atividade profissional:

- 8. Qual a atual função?** *Editora de economia no jornal A Voz da Cidade.*
- 9. Já teve outro cargo na área jornalística? Se sim, qual?** *Repórter de outras editorias, cuidei do marketing e informações nas redes sociais, além de ser um pouco de fotógrafa.*

10. O que é um jornalista multitarefa? *Jornalista multitarefas é aquele profissional que se desdobra em vários. Ele fotografa, escreve, posta nas redes sociais e faz tudo praticamente ao mesmo tempo. Em alguns casos até dirige o carro do próprio jornal. Então é aquele pau para toda obra.*

11. Você se considera um profissional multitarefa? *Sim*

12. Atualmente você faz alguma atividade que antes não era específica para a sua área? Se sim, o que? *Sim, a princípio eu entrei para fazer apenas a editoria de economia e hoje eu faço a de cultura também.*

13. Quantos instrumentos / mídias você manuseia no desempenho da sua função? *Hoje eu trabalho na apuração de notícias, atualização de site/redes sociais (que precisa ser diário) e em certos casos fotografamos também.*

14. Já teve algum problema de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas na sua profissão? *No começo da profissão sofria de gastrite, pois ficava ansiosa demais com as coisas, seja uma ligação não atendida, um comentário maldoso...deadline chegando a pauta cai, hoje em dia, mais amadurecida, deixo os acontecimentos acontecerem, sem sofrer por antecipação.*

15. Está satisfeito com a qualidade / resultado do trabalho que você executa? *Não totalmente. Considero que sempre podemos melhorar naquilo que desempenhamos, sempre há espaço.*

16. Está satisfeito com o seu trabalho / profissão? *Sim porque amo o que eu faço.*

17. Com relação ao salário, já houve aumento quando foi designado para fazer "outras funções"? *Não. Aumenta o número de tarefas, de funções dentro das redações, mas o salário continua o mesmo.*

SUJEITO 8

Perfil do profissional:

1. Nome: *Gabriela Misael da Cunha*

2. Idade: *31*

3. Escolaridade: *Superior Comunicação Social – Jornalismo UBM*

4. Estado civil: *Solteira*

Identificação profissional:

5. Tempo de profissão: *9 anos*

6. Em que veículo trabalha? *Diocese de Barra do Piraí e Volta Redonda*

7. Em quais já trabalhou antes? *TV Rio Sul, Assessoria da prefeitura, jornal Folha do Interior, Assessoria do Unimed, assessoria na UBM.*

Atividade profissional:

8. Qual a atual função? *Coordenadora de comunicação, assessora e faço jornalismo da rádio Sintonia do Vale.*

9. Já teve outro cargo na área jornalística? Se sim, qual? *Estagiária, produtora, editora, repórter.*

10. O que é um jornalista multitarefa? *Hoje é uma realidade porque quando você vai sair para fazer uma reportagem, antes você ia com o bloquinho, hoje você tem que levar o seu celular e aí você faz a foto, já coloca na rede social que a empresa tiver porque tem a questão do tempo. Eu acho que jornalista multitarefa está associado a isso. É um jornalista que primeiro tem que ter domínio digital e segundo tem que estar preparado para dar a informação em tempo real. É por isso que a gente se tornou jornalista multitarefa. Por isso nos tornamos jornalista multitarefa porque antes a gente ia, cobria, fazia o texto e levava para a redação e deixava para a edição do dia seguinte com o jornal impresso por exemplo e agora com a internet tem essa necessidade de já ir para o lugar e de onde você está já postar. Então você tem que gravar, filmar, postar, e quando volta para a redação é que produz.*

11. Você se considera um profissional multitarefa? *Sim. Agora eu tenho uma estagiária, mas antes era apenas eu para cuidar de toda a parte de assessoria e jornalismo.*

12. Atualmente você faz alguma atividade que antes não era específica para a sua área? Se sim, o que? *Sim. Houve uma transformação no meu cargo porque eu fui contratada para ser assessora de imprensa, mas quando eu cheguei aqui vi a necessidade de se montar um conglomerado de comunicação. Então sou responsável pela comunicação interna da diocese que isso inclui quase 400 comunidades e a comunicação externa com os veículos de comunicação e com a assessoria de imprensa.*

13. Quantos instrumentos / mídias você manuseia no desempenho da sua função? *Então a gente tem a revista, o site e a rádio. Se chega alguém aqui e eu preciso entrevistar eu já uso o meu celular, a gente grava vídeos também. Mas a minha principal ferramenta de trabalho é o meu celular, nele eu tenho todos os aplicativos que eu preciso.*

14. Já teve algum problema de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas na sua profissão? *Aqui não. Mas nos outros lugares sim. Já tive muito estresse, dor nas costas. É porque antes o que cinco pessoas faziam, hoje uma faz. O interessante é hoje a pessoa procurar saber tudo, é preciso estar antenado em relação a isso. Mas por outro lado eu penso que as empresas deveriam investir nos profissionais para não ficar acumulado a uma pessoa só ou a poucas pessoas e também para garantir a qualidade do serviço. Porque quando você faz tudo, uma hora você deixa de fazer algo importante. Mas eu, como profissional, devo saber ser um profissional multitarefas. Você pode até pensar “Ah, mas isso é injusto com o jornalista! ”. Eu também acho, mas se você não estiver preparado outro vai estar, infelizmente. Se a categoria não estiver preparada para falar sobre isso, sobre esses excessos de tarefas você vai ficar para trás. Então esteja preparado para assumir essas multitarefas, mas ao mesmo tempo é interessante reivindicar que o mercado não massacre.*

15. Está satisfeito com a qualidade / resultado do trabalho que você executa? *Sim, mas eu sempre acho que posso fazer melhor.*

16. Está satisfeito com o seu trabalho / profissão? *Sim. Estou.*

17. Com relação ao salário, já houve aumento quando foi designado para fazer "outras funções"? *Se eu viesse só como assessora teria um salário, mas como eu acumulei outra função, o ajuste foi justo. Eles fizeram uma diferença justa para que*

fosse adaptado ao meu cargo agora. Nas redações que eu trabalhei isso não acontecia. Se uma pessoa fazia algo e ela é mandada embora, o que ela fazia é dividido por outras pessoas, mas não se ganha nada mais por isso.

SUJEITO 9

Perfil do profissional:

- 1. Nome:** *Fernando Antônio Pedrosa Carneiro*
- 2. Idade:** *56*
- 3. Escolaridade:** *Superior incompleto Comunicação Social – Jornalismo*
- 4. Estado civil:** *Casado*

Identificação profissional:

- 5. Tempo de profissão:** *42 anos*
- 6. Em que veículo trabalha?** *Rádio Sul Fluminense, Site Foco Regional*
- 7. Em quais já trabalhou antes?** *Todas as rádios de Barra Mansa e Volta Redonda.*

Atividade profissional:

- 8. Qual a atual função?** *Repórter, produtor de rádio e responsável total no site (faz as matérias, edita, posta).*
- 9. Já teve outro cargo na área jornalística? Se sim, qual?** *Repórter, redator, editor, apresentador de TV.*
- 10. O que é um jornalista multitarefa?** *É uma consequência natural do tempo que estamos vivendo. Os avanços das tecnologias criaram a necessidade de você saber mais de uma coisa. Não é mais como era antes, há um tempo atrás você tinha um repórter (no caso do jornal), e ele ia lá, nos grandes veículos tinha o redator. Hoje não as redações se enxugaram e se o cara sabe apurar ele tem que saber escrever, e se ele sabe escrever não precisa de um revisor ou copy desk. E na televisão é a*

mesma coisa, eu costumava dizer que uma equipe de televisão era composta obrigatoriamente de quatro pessoas no mínimo, você tinha o repórter, o cinegrafista, o operador de som e o motorista que era um auxiliar com a lux e etc. E hoje não, você tem o repórter, os cinegrafistas só e muitas vezes você já tem o vídeo repórter que faz tudo. Mas isso não é uma mudança só em consequência das questões econômicas, é mudança de tecnologias. Você tem equipamentos com muitos recursos e compactos e que antigamente isso nem era possível.

11. Você se considera um profissional multitarefa? *Sim. Eu acho isso bacana, porque você aprender determinadas técnicas que você acha que não vai conseguir cumprir, é um desafio para gente. É muito mais cansativo você atuar hoje como era antigamente, aumenta a taxa de estresse, mas é gratificante e não tem como fugir disso.*

12. Atualmente você faz alguma atividade que antes não era específica para a sua área? Se sim, o que? *Cuido do site sozinho e hoje me arrisco muito no campo da fotografia.*

13. Quantos instrumentos / mídias você manuseia no desempenho da sua função? *Todos que você pode imaginar. As únicas coisas que eu ainda tenho dificuldade de usar é o Photoshop. Não tem jeito, querendo ou não querendo você tem que se adequar.*

14. Já teve algum problema de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas na sua profissão? *Saúde não. Tenho um caroço no dedo, decorrente de passar o dia inteiro no computador e isso é o dia todo, de domingo a domingo.*

15. Está satisfeito com a qualidade / resultado do trabalho que você executa? *Sim, estou.*

16. Está satisfeito com o seu trabalho / profissão? *Bom, eu também já estou com um tempo de estrada que não dá para arrepende mais. Eu não me vejo fazendo outra coisa. A profissão precisa ser mais valorizada, principalmente por quem pratica, de fazer com respeito, com seriedade. Eu costumo comparar jornalista com jogador de futebol. Quais são as grandes estrelas? Conhecidos?*

17. Com relação ao salário, já houve aumento quando foi designado para fazer "outras funções"? *Não, que eu me lembre não. Na verdade, você esperar que por*

lidar com mais ferramentas você vai aguardar uma compensação salarial é uma coisa assim até mesmo primária porque as ferramentas te permitem fazer um trabalho mais adequado.

SUJEITO 10

Perfil do profissional:

1. **Nome:** *Fernando Antônio Pedrosa Carneiro*
2. **Idade:** *25*
3. **Escolaridade:** *Superior Comunicação Social – Jornalismo*
4. **Estado civil:** *Solteiro*

Identificação profissional:

5. **Tempo de profissão:** *5anos*
6. **Em que veículo trabalha?** *ClubeVoltaço como assessor*
7. **Em quais já trabalhou antes?** *Rádio UniFOA, ACI, Diário do Vale, site Fut Rio*

Atividade profissional:

8. **Qual a atual função?** *Assessor de imprensa do clube*
9. **Já teve outro cargo na área jornalística? Se sim, qual?** *Já fuiRepórter*
10. **O que é um jornalista multitarefa?** *É o cara que tem que se virar para fazer tudo que aparece para ele, tudo ao mesmo tempo e tem que ser algo muito dinâmico. Por exemplo, em dia de jogo mesmo eu fico tirando foto do jogo, faço o “tempo real” no twitter, faço a crônica do jogo durante a partida e atendo a imprensa. No dia do jogo mesmo eu faço cinco ou seis tarefas ao mesmo tempo.*

11. Você se considera um profissional multitarefa? *Sim. Praticamente tudo o que sai do Volta Redonda, normalmente, sou eu que alimento a imprensa.*

12. Atualmente você faz alguma atividade que antes não era específica para a sua área? Se sim, o que? *Em clubes grandes como o Flamengo, Cruzeiro, eles têm uma equipe de comunicação muito grande. É um jornalista responsável pelo twitter, é um pelo texto, outro por filmar, outro por ser repórter, tem cada um especificamente para uma cobertura no jogo. Aqui, eu sou a equipe, faço tudo.*

13. Quantos instrumentos / mídias você manuseia no desempenho da sua função? *Cuido do Facebook, twitter, instagram, tiro foto, gravo áudio, faço vídeo, escrevo textos e atendo a imprensa.*

14. Já teve algum problema de saúde em decorrência do acúmulo de tarefas na sua profissão? *Estresse e insônia.*

15. Está satisfeito com a qualidade / resultado do trabalho que você executa? *Estou. É gratificando ver o reconhecimento das pessoas.*

16. Está satisfeito com o seu trabalho / profissão? *O jornalismo é legal, e é como uma droga, algo que vicia. Mas é muito ingrato o mercado de trabalho. Se você não souber fazer tudo ao mesmo tempo você acaba perdendo espaço. Então tem que sempre procurar estudar, se atualizar.*

17. Com relação ao salário, já houve aumento quando foi designado para fazer "outras funções"? *O trabalho sempre aumenta muito, mas o salário aumenta pouco.*